

**UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES**

Curso de Publicidade e Propaganda

**DESENVOLVIMENTO DE MONOGRAFIA**  
**A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE TUMULAR**

**Carlos Henrique de Melo Montes Filho**  
**Elizete C. Romanini de Oliveira**  
**Flávia Braga Moreira**  
**Vivian Silva Francisco**

São José dos Campos – SP

2005

**DESENVOLVIMENTO DE MONOGRAFIA  
A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE TUMULAR**

**CARLOS HENRIQUE DE MELO MONTES FILHO  
ELIZETE C. ROMANINI DE OLIVEIRA  
FLÁVIA BRAGA MOREIRA  
VIVIAN SILVA FRANCISCO**

Relatório final apresentado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso à Banca Avaliadora da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba sob orientação do Professor Mário José Moreira.

Universidade do Vale do Paraíba - SP

2005

**UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES**

Curso de Publicidade e Propaganda

**TRABALHO DE GRADUAÇÃO**

2005

**Desenvolvimento de monografia**  
**A comunicação através da arte tumular**

Carlos Henrique de Melo Montes Filho  
Elizete C. Romanini de Oliveira  
Flávia Braga Moreira  
Vivian Silva Francisco

Orientado por Mário Moreira

**Banca Examinadora:**

Profª. Msc Celeste Marinho Manzanete Ribeiro

Prof. Esp. Mário José Moreira

Prof. Veriano Takuji Miura

Nota do Trabalho: 10 (Dez)

São José dos Campos – SP

2005

*“Quem ensinasse os homens a morrer,  
os ensinaria a viver”  
(Montaigne)*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Deus pelo dom da vida, à nossa família pela existência e presença fundamental em nossas vidas. Nenhuma palavra é capaz de expressar toda nossa gratidão àqueles que sempre estiveram dispostos a nos incentivar em qualquer atividade.

Aos nossos professores Dulcilia Lúcia de Oliveira, Aivone Carvalho Brandão, Celso Meneguetti, Celeste Manzaneti Ribeiro, Veriano Takuji Miura, Claudia Pimentel e Dra. Vera Costa, de quem não guardamos apenas conhecimentos, mas também a amizade. Em especial, ao amigo e orientador professor Mário José Moreira, por todas as oportunidades proporcionadas, que tornaram o curso de graduação mais interessante e motivador.

À secretária da FCA e amiga Alessandra Martins, que sempre esteve disposta a colaborar com nossas solicitações. Sem essa ajuda, certamente o caminho desse trabalho teria sido mais árduo.

Por fim, mas não menos importante, a todos os amigos e professores que fizeram desses 4 anos um período de grande crescimento, em especial destacamos Lucimara Rett, Paulo Grangeiro, Taís Vinha, José Luiz Ovando, Vânia Oliveira, Filipe Floriano, Jason de Brito, Davi Francisco, Mário Toledo e Cidinha Papali.

## **RESUMO**

Tomando como orientação princípios da Comunicação Visual e da Semiótica da Cultura, a busca na tentativa da desmistificação dos cemitérios, criando uma nova visão que inverte o paradigma convencional que associa o significante “cemitério” aos significados: “sombrio”, “místico”, “mistérios”, “medo” e “terror”. Através do estudo histórico da relação do homem com a morte, seus rituais fúnebres e diferentes culturas, passamos a entender melhor quando e como surgem os mitos relacionados à morte e ao espaço do cemitério. Ao mostrarmos que os objetos tumulares (vasos, anjos, santos etc.) presentes no cemitério Municipal Padre Rodolfo Komórek, juntamente com a construção arquitetônica, representam simbolicamente a relação de aproximação entre vivos e mortos, há por “quebrar” a rigidez e o peso que se associam a este espaço. Através dos estudos teóricos e aplicação de conhecimentos adquiridos, como resultado ilustrativo das pesquisas, foi produzido um vídeo institucional do cemitério Municipal de São José dos Campos, nosso objeto de estudo, o qual fará parte dos anexos complementares desta monografia.

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
Capítulo I - O Homem e a Morte .....	11
1.1 - Visão Histórica da Morte .....	12
1.2 - Os Rituais Fúnebres e as Diferentes Culturas.....	18
Capítulo II - A Origem dos Cemitérios.....	23
2.1 - A origem das necrópoles – Cidade dos Mortos .....	24
Capítulo III - A Arte Tumular.....	32
3.1- O Surgimento da Arte Cemiterial .....	33
3.2 - Cemitério Municipal Padre Rodolfo Komórek de São José dos Campos .....	42
Capítulo IV – Interpretando os Símbolos Tumulares .....	52
4.1 - Conceitos e Princípios da Semiótica.....	53
4.2 - Interpretando os Objetos.....	55
4.3 - Os Símbolos e Objetos Tumulares .....	57
4.3.1 – A Cruz .....	57
4.3.2 – Os Ossos.....	60
4.3.3 – Os Anjos.....	63
4.3.4 – Flores.....	62
4.3.5 – Árvores.....	65
4.3.6 – Cachorro.....	65
4.3.7 – Coroa de espinhos .....	65
4.3.8 – Santos .....	65
4.3.9 – Coroa .....	66
4.3.10 – Vaso .....	66
4.3.11 – Mausoléu.....	67
Considerações Finais.....	68
Anexos .....	79
Anexo I .....	80
Anexo II .....	81
Anexo III .....	83
Anexo IV .....	86
Projeto .....	114

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Sepultamento, Vitor Brecheret.....	36
Figura 1.1 - O Sepultamento, Vitor Brecheret.....	36
Figura 2 - Solitudo, Francisco L. e Silva.....	37
Figura 3 - Nu, Mármore e granito, Francisco L. e Silva.....	37
Figura 4 - Antiga Fachada do Cemitério da Consolação.....	38
Figura 5 - Planta redesenhada de São José dos Campos em 1835.....	44
Figura 6 - Capela de São Miguel na década de 1850.....	45
Figura 6.1 - Capela de São Miguel nos dias atuais.....	45
Figura 7 - Planta redesenhada de São José dos Campos em 1920.....	47
Figura 8 - Planta redesenhada de São José dos Campos nos dias atuais.....	47
Figura 9 - Pessoas visitando o Túmulo Simbólico do Padre Rodolfo Komórek.....	50
Figura 10 – Freira orando no Túmulo Simbólico da Madre Teresa de Paula.....	50
Figura 11 - Cruz Latina.....	57
Figura 12 - Cruz Pontaguda.....	58
Figura 13 - Cruz Celta.....	58
Figura 14 - Cruz e Coroa.....	58
Figura 15 - Cruz e Âncora.....	59
Figura 16 - Cruz e Espada ou lanças.....	59
Figura 17 - Cruz e Mulher.....	59
Figura 18 - Esqueleto.....	60
Figura 19 - Crânio.....	60
Figura 20 - Crânio Alado.....	60



Figura 21 - Aracanjeo Miguel.....	61
Figura 22 - Anjo Triste.....	61
Figura 23 - Querubim.....	62
Figura 24 - Flores e Folhas Mortas.....	62
Figura 25 - Flor Quebrada.....	63
Figura 26 - Rosa.....	63
Figura 27 - Grinalda ou Guirlanda.....	64
Figura 28 - Palma.....	64
Figura 29 - Árvores.....	64
Figura 30 - Cachorro.....	65
Figura 31 - Coroa de Espinhos.....	65
Figura 32 - Santos.....	65
Figura 33 - Coroa.....	66
Figura 34 - O vaso vazio.....	66
Figura 35 - O vaso com lírio.....	66
Figura 36 - Mausoléu.....	67

## INTRODUÇÃO

A indagação sobre a morte, cemitérios, objetos tumulares e a Arquitetura que compõem esse espaço sacrossanto, carregado de mistérios, misticismo e que é a principal forma ocidental de relação intrínseca dos vivos diretamente com seus mortos, é algo natural na sociedade.

A morte, apesar de repugnante e temida, é instigante, pois permeia a vida desde o primeiro segundo. Até mesmo para uma vida começar, milhares de espermatozóides morrem, enquanto apenas um sobrevive a esta batalha.

O homem tem uma relação estreita com a morte, uma vez que possui consciência deste fato inerente às suas forças, mesmo com toda evolução humana e esforços tecnológicos em que controla os sonhos, o sono, transfere a circulação do corpo para uma máquina, comunica-se com o mundo inteiro em frações de segundos, ainda assim não consegue vencê-la.

Segundo Aranha & Martins (1995, p.347, apud JASPERS) psiquiatra e metafísico alemão, “*existe algo em nós que não se pode crer suscetível de destruição*”.

Esta não aceitação pelo “fim” é o que nos bloqueia e fortalece a idéia do “*temor do desconhecido*”. Por isso, o temor e a angústia da morte levam a humanidade à crença da imortalidade, promovendo assim uma aceitação do sobrenatural, do divino, do imortal, que é justamente o que encontramos dentro dos cemitérios, nos símbolos e objetos tumulares.

Todavia a **Morte** é a mola propulsora do progresso e o **Cemitério**, seu ícone, a “*quase-morte*”, local de embate entre homem e morte, onde se levanta o “V” da vitória. Então, o que resta ao homem que não nasceu para perder? Transcende fazendo dos Cemitérios locais de História registrada e histórias transmitidas, onde as religiões reinam livres, as diferenças sociais acentuam-se, locais de encontro e desencontros, de lágrimas e risos, de tragédia e comédia, locais plenos em representações da vida e da morte.

**CAPÍTULO I**  
**O HOMEM E A MORTE**

### 1.1-Visão Histórica da Morte

*“A Morte é o destino inexorável de todos os seres vivos”*

*(Maria Lúcia de Arruda Aranha  
& Maria Helena Pires Martins)*

Nascer, viver e morrer... O ciclo vital de todos os seres vivos questionado unicamente pelo homem – ser que tem consciência da própria morte. *“Não é a consciência da morte, mas a fuga da morte que distingue o homem dos animais”* (BROWN, 1972, p.125).

Desde a antiguidade, os homens se preocupam com seus mortos. A partir do momento que deixa de ser sedentário e passa a se organizar em grupos, surge a necessidade de autoproteção e amparo aos mortos. Com o passar dos tempos, o homem da pré-história percebeu que os corpos deixados ao ar livre se decompunham com maior facilidade e ao se depararem com esses cadáveres, buscaram maneiras de se *“livrarem”* de algo tão perturbador e repugnante. É bem provável que os **Neandertais** (primeiros homens) possuíam algum tipo de organização social e enterravam seus mortos, visto que, antropólogos encontraram crânios que servem de base para estudos até os dias de hoje.

*“(...) o enterro dos mortos marca a existência, entre seus praticantes, de uma idéia de continuidade da vida após o tumulo. Isto aconteceu durante o último meio milhão de anos, quando o homem do Neanderthal começou a enterrar seus mortos com evidentes sinais de ritualismo, nos quais são usados flores e animais, o que demonstra também o surgimento da Zoolatria”* (ARGOLLO, 1986, p.89).

As primeiras sepulturas de que se tem conhecimento são de aproximadamente 35 mil anos antes de Cristo. Nesta época, os mortos eram enterrados sentados com os braços envolvendo os tornozelos. Um dos processos utilizados para o enterro de seus mortos foi o da pedra tumular. Processo este em que se jogava uma pedra sobre o defunto, grande o suficiente para esmagá-lo contra o solo.

*“A atenção que os cadáveres recebiam revela as idéias e os preconceitos de uma época. Mostra o medo, os cuidados sanitários e às vezes o assombro de não se saber lidar com algo novo o pensamento humano: o homem morto”* (CHIAVENATO, 1998, p.12).

A morte faz parte da vida desde o primeiro segundo, permeando a existência humana o tempo todo. O nascimento é a primeira morte, considerando que há uma perda, uma ruptura.

Sempre existiram e existirão muitos mitos e tabus a respeito da morte, porque quem já morreu não voltou e nem voltará para contar as experiências passadas. Várias sociedades desenvolveram sistemas fúnebres, nos quais podiam se entender a morte tanto nos aspectos pessoais como sociais.

*“A morte nunca foi tão materialista como no antigo Egito. Ela era o pretexto final para o morto ser enterrado com sua fortuna a fim de preservá-la”* (Idem, p.27).

Os túmulos antigos tinham quase sempre a forma de pirâmides, onde a área reservada ao sarcófago era ampla, mobiliada e adornada com armas, livros, jóias, esculturas e comida. Mais tarde aprenderam a arte de embalsamar, transformando o corpo em múmia, acreditando que sua alma saía do cadáver e rumava ao encontro de Osíris – Deus dos mortos, daí a necessidade de preservar o corpo. Sem dúvida, os povos egípcios foram os que mais veneravam seus mortos.

As visões da morte no Ocidente e no Oriente são absolutamente diversas, com uma série de rituais que correspondem a essas diferentes formas de entender o nascimento e a morte.

*“O ocidente, em seu esforço por não admitir a morte, está há pelo menos 30 anos obcecado pela idéia do jovem como metáfora de vida saudável. O envelhecimento, que também pode ser saudável, é visto sempre como decrepitude”* (VOMERO, 2002, p.41).

Se no Ocidente a morte é vista como fim, ruptura e fracasso, os rituais corresponderão a esta forma de encarar a morte. São procedimentos de ocultamento, vergonha, raiva e temor. Na visão oriental a morte surge como um estado de transição e principalmente, de evolução, para o qual deve haver um preparo.

*“Nas religiões mais antigas, como no hinduísmo ou no budismo, a retidão, a virtude, a caridade não contam como procedimentos para beneficiar o próximo nem como sinais de amor ao homem, mas como mecanismos de alcançar uma melhor reencarnação e garantir a passagem para o Nirvana, a versão hindu do paraíso” (CHIAVENATO, 1998, p.25).*

Cada cultura acredita nas mais diversas hipóteses com relação à morte, mas nenhuma consegue definir com certeza como é o fim deste processo. A consciência religiosa através dos tempos vem oferecendo um conjunto de convencimentos que orientam a conduta humana diante do mistério da morte: quer seja pelos rituais de transição dos primitivos, quer seja nas religiões mais elaboradas. Há quem acredite que a morte é apenas um começo, uma separação, uma passagem, enquanto outros acreditam que a morte seja simplesmente a “*nadificação*”, ou seja, a certeza de que um nada total nos espera.

*“Embora o medo da morte não seja inato ele é inerente ao processo de desenvolvimento e está presente em todos os seres humanos. É um medo básico, que influi em todos os outros e do qual ninguém fica imune, por mais que possa estar disfarçado” (KOVACS,1992, p.24).*

Trata-se do medo do desconhecido juntamente com o seu próprio fim, da solidão, do sofrimento. O medo da morte funciona como uma alavanca na sociedade: a partir do desejo desta “*imortalidade*”, o homem se desenvolve, busca novas tecnologias, retarda seu envelhecimento, alcança a cura para tantas doenças. Segundo Vomero (2002, p.39, apud AULNIERS) “*O medo da morte nos força a viver*”.

Pinturas encontradas por antropólogos e pesquisadores em cavernas revelam que o homem de 30.000 anos atrás já se incomodava com a morte. As caçadas eram

retratadas com cores vivas, usando o óxido de ferro e as imagens fúnebres eram pintadas com cores escuras.

No fim da Idade Média, a morte passou a ser vista como algo macabro. A arte macabra mostra o que não se vê, retratando, por exemplo, o que acontece debaixo da terra, como a decomposição do corpo. Esta representação despertou a ilusão e o temor. A preocupação com a morte existia, mas havia um sentimento de “*estarmos todos no mesmo barco*” o que amenizava essa preocupação. A partir do século XVIII, o homem ocidental dá um novo sentido à morte focando a temática da morte individual, ou seja, começa a se preocupar com a morte do outro, cuja saudade inspira nos séculos XIX e XX o culto novo dos túmulos e cemitérios.

As religiões em geral, permitem ao indivíduo um melhor convívio com a finitude, porque é lá que ele vai encontrar certezas sobre o porquê de sua existência, de sua morte e principalmente, o que acontece após a morte.

São vários os segmentos religiosos e as interpretações de acordo com cada crença. Para os budistas, assim como para os orientais, a morte é a única certeza. Consideram a morte como uma passagem, uma etapa de um processo muito extenso, que reúne nascimentos e mortes sucessivas, formas de existências variadas e inúmeros registros da consciência humana. A morte não é um acontecimento único e traumático. Diante dela, os budistas procuram manter o equilíbrio e amparar os amigos ou pessoas mais próximas. Evitam choros e lamúrias permitindo assim que a mente da pessoa permaneça positiva.

Os seguidores do budismo acreditam na reencarnação, no renascimento. Acredita-se que este ser retornará mais puro, mais verdadeiro.

De acordo com o budismo, a vida futura é influenciada determinantemente por toda ação praticada em vida. Para Buda, se a pessoa quer saber quem foi no passado, basta olhar para sua condição atual.

Na cultura do Candomblé, morrer é passar para outra dimensão e permanecer junto aos outros espíritos, divindades e guias. Acreditam na continuação da vida por meio da força vital. O “*ori*”, que seria a alma, volta dentro da mesma família, mas em outro corpo. Já os homens fortes, que têm filhos, maturidade, prestígio social e morte aceitável, tornam-se ancestrais.

Para os católicos, a morte é uma passagem. Acreditam na ressurreição da alma e na vida eterna. É a entrada para uma nova dimensão. A religião não aceita a morte como um fim, mas sim como um começo de uma nova vida junto a Deus. Os seguidores do catolicismo acreditam que a morte é o batismo definitivo, o caminho para a vida eterna. Na fé católica corpo e alma são uma única coisa e não existe a reencarnação.

No espiritismo a morte não é concebida. O corpo é um instrumento que o espírito usa para se aprimorar e evoluir. Para seus seguidores, o homem está na terra em missão de progresso e a morte é o retorno para o lar. Acreditam na reencarnação, ou seja, quando o corpo morre, o espírito se desliga e fica no mundo dos espíritos estudando e se preparando para uma nova encarnação. Segundo a cultura espírita, o homem retorna à vida terrena, várias vezes até atingir o ápice de sua evolução. Para os espíritas, o intermediário entre os vivos e a alma dos mortos é o médium. Portanto, existe a possibilidade de comunicação com espíritos que já deixaram seus corpos.

Para os seguidores do islamismo, a morte é a passagem desta vida para a vida eterna. Desde criança, seu seguidor recebe orientações de que tudo o que começa tem um fim. Eles acreditam que o corpo após a morte não significa mais nada, mas a alma continua tendo seu valor. Portanto, a morte se dá quando há a separação do corpo e da alma. Não acreditam em reencarnação, acreditam que a alma teve tempo suficiente para cumprir suas obrigações na terra.

No judaísmo, a morte não é o final da vida, apenas o fim da matéria, do corpo. A criança aprende desde pequena que o início da vida é feito de mudanças. Os judeus acreditam na existência de outro mundo, para onde as almas vão, o que denominam de “*olam habá*” (mundo vindouro). No entanto, a alma pode voltar para a terra num outro corpo para que sua missão seja completa, ou seja, acreditam na reencarnação.

Os protestantes acreditam que a morte é apenas uma passagem para outra vida e não aceitam a reencarnação. Para eles, a morte é um período de transição para outra vida e crêem na palavra de Deus e em seu julgamento que, no caso, designará qual o destino da pessoa: no céu ou no inferno, mas não pelas suas ações e sim pela fé.

Nós, povos ocidentais, vivemos no presente absoluto, imediato, buscando sempre a juventude eterna e progressos em todos os sentidos: a acumulação de bens e títulos, sobretudo a imortalidade, não havendo, portanto, uma visão realista do futuro, o



que torna a morte uma experiência humana não-aceitável. Como resultado disso, temos uma sociedade atormentada que busca a felicidade a todo custo, através não do auto-conhecimento, mas de fugas da realidade. Segundo Vomero (2002, p. 42, apud PAWLOWICZ) *“Gastamos nossos dias tentando aproveitar a vida e chegamos ao momento da morte totalmente despreparados”*.

Os tabus com relação ao evento da morte são tão fortes que, quando um doente está em seu leito terminal, é levado para hospitais para morrer longe dos olhos e por diversas vezes, do coração.

*“A expulsão da morte da nossa intimidade, privando aquele que está prestes a morrer da nossa ternura e da nossa solidariedade nos momentos finais, é uma metáfora da negação da finitude que operamos em nossas próprias vidas”* (VOMERO, 2002, p.43).

Numa rotina hospitalar, o paciente terminal recebe atenção limitada por parte da equipe de enfermagem. Entretanto, quando vem a falecer, há toda uma mobilização em torno do cadáver, de modo que permaneça o menor tempo possível nos corredores expondo para os outros pacientes a visão da morte, ocultando a ideologia da instituição, de que ali seja um lugar para a cura, não havendo espaço para a morte. *“(...) a própria palavra morte é evitada e diz-se que o paciente foi a óbito ou teve parada cardíaca.”* (BOEMER, 1989, p.17).

O resgate desta conscientização da morte não é doentio, nem mesmo de caráter mórbido, mas uma tentativa de reflexão e reconhecimento da finitude da vida. Vivemos numa sociedade calculista, consumista e fria. Os homens perderam a noção dos seus valores, da sua essência, sua dignidade.

*“A consciência da morte nos ajuda a questionar não só se somos capazes de viver bem, mas também se faz sentido o destino que estamos legando para as gerações futuras”* (ARANHA & MARTINS, 2000, p.349).

## 1.2 - Os Rituais Fúnebres e as Diferentes Culturas

A sociedade em geral, independente de sua região, cultura ou classe social, possui rituais de morte que auxiliam na aceitação sobre o impacto da perda e na compreensão do fenômeno sob o aspecto social.

No ocidente usa-se o preto num costume que data o paganismo. Em sua origem, não tinha nada a ver com piedade ou forma de demonstrar tristeza, uma maneira de expressar medo. Relacionava-se, não com o respeito, e sim com o horror aos mortos. O preto era um disfarce a fim de que o fantasma do morto não o reconhecesse e viesse buscá-lo. Esta cor era designada para confundir o próprio demônio, que estaria caçando outras vidas. No mundo atual, nesta sociedade industrializada onde tudo acontece rapidamente, os trâmites burocráticos tornaram-se um peso acompanhado de irritação com o defunto. Sob este prisma, a família inconscientemente se vê em desvantagem perante a sociedade, pois diante da situação está perdendo tempo e dinheiro. Talvez este seja o motivo pelo qual não é mais comum o luto.

*“As roupas pretas desapareceram há mais de cinquenta anos. As tarjas negras nas mangas da camisa ou do paletó são desconhecidas nas pessoas de menos de 50 anos. Mostrar o luto, hoje, é mostrar uma desvantagem ou, no mínimo, uma chateação. (...) A morte deixou de ser solene” (CHIAVENATO, 1998, p.64).*

Outras formas de buscar esta proteção para o além eram as missas que encomendavam à alma do morto: as conhecidas *missas de corpo presente*, tradição presente até hoje nas comunidades católicas do ocidente. Os donativos também representavam uma possibilidade de perdão para os atos terrenos e para o acúmulo de bens.

Um grande exemplo de civilização evoluída se deu no antigo Egito. Através de suas escritas bem elaboradas retratando seus costumes e culturas, pudemos ter o conhecimento de suas origens. Por acreditarem que a alma saía do cadáver e ia ao

encontro de Osíris, passaram a preservar esses corpos através de embalsamamento, transformando-os em múmias.

*“No geral, ninguém morre: o espírito ou a alma transmigra, reencarna ou descansa – no último caso, na forma de múmia-, enquanto aguarda uma nova vida” (CHIAVENATO, 1998, p.13).*

É comum a todas as religiões antigas o culto aos antepassados. Na China, o culto aos antepassados era obrigatório, como uma verdadeira religião popular, estabelecendo-se um vínculo permanente com eles em que os mortos não só eram reverenciados, como também controlavam e vigiavam os vivos.

O culto aos antepassados não era uma peculiaridade dos chineses e dos povos mais antigos, era uma forte característica das religiões e componente do sistema de dominação política do Império Romano em que os mortos nunca desapareciam, mas transmudavam-se em espíritos e comunicavam-se com os vivos - impactos que influenciaram as religiões modernas.

*“O culto aos mortos, em todas as religiões antigas, foi um componente do sistema de dominação política, e, de certa forma, esses traços essenciais e comuns permanecem em todas as religiões modernas: sua base é o medo e a incompreensão da morte” (Idem, p.14).*

Cultuar os mortos é cultivar sua recordação conferindo-lhes uma espécie de imortalidade, passando a viver na sociedade dos vivos. Cada religião tem seu ritual conforme sua crença e doutrina a respeito da morte.

No candomblé, o rito funerário começa em seguida ao enterro e dura vários dias, quando algumas pessoas próximas ao morto são convidadas a participar do ritual em que o espírito do corpo é encaminhado para outra terra. Neste ritual, elementos simbólicos e pertences pessoais do falecido são quebrados e jogados em água corrente e após alguns anos, o mesmo passa a interferir na energia vital do grupo ao qual pertencia. Os seguidores do candomblé acreditam que a morte é uma desordem que leva tempo a ser superada.

O catolicismo possui o ritual mais comum da nossa sociedade em que se vela o corpo, além das orações populares feitas durante o velório tais como o *Pai-nosso* e *Ave-Maria*, um padre ou ministro faz uma celebração para encomendar a vida da pessoa para as mãos de Deus. Ao lado do caixão, durante o velório, são colocadas velas simbolizando a luz de Cristo ressuscitado e a vida que vai se consumindo, mas que sempre brilha. No sétimo dia, primeiro mês e primeiro ano, são feitas celebrações em memória do falecido, pois acredita-se que este processo precisa ser vivido para que se possa lidar de forma melhor com a morte.

Para os espíritas o corpo é velado e enterrado ou cremado assim como no catolicismo e são feitas preces que, segundo sua cultura, ajudam o caminho para o mundo espiritual. Na doutrina espírita não existe o luto por não se acreditar na morte.

No ritual dos povos islâmicos o corpo, enrolado em três panos brancos, é levado por familiares do mesmo sexo e colocado em um caixão, para que os parentes mais próximos se despeçam. A seguir é levado à mesquita onde somente os homens participarão da continuidade do ritual. O luto dura três dias, com ressalva no caso de a mulher perder o marido, passando o luto para 130 dias, período que ela não pode sair de casa, salvo em casos de emergência.

Os povos judeus, em seu ritual fúnebre, envolvem o corpo do falecido, em panos brancos e depositam-no em um caixão que é fechado logo a seguir, a fim de que ninguém mais o toque. Os familiares e amigos rezam salmos e os parentes próximos cortam um pedaço do tecido de suas roupas para mostrar o luto que dura uma semana. Neste período os parentes se reúnem em casa para rezar. Neste momento somente o espiritual é válido, por isso os espelhos da casa, que refletem o material são cobertos. Por todos os anos seguintes a pessoa é lembrada na data de sua morte.

Os protestantes não têm regras para o luto. Em seus velórios e enterros são feitas homenagens à família do morto. É celebrado um culto com hinos, mensagens e biografia do morto.

No budismo, flores, velas e incensos são utilizados nos velórios. Os parentes usam roupas escuras e preces são oferecidas. Durante 49 dias, a cada sete dias são feitas preces ou transcrições.

Retornando ao mundo Ocidental, encontramos algumas tradições que ao festejar a morte, celebram a vida. No México, “*o dia dos mortos*” é um exemplo disso. Segundo Vomero, “*Ainda existem aldeias que desenterram os mortos nesse dia. Trata-se de um costume indígena milenar. As refeições são feitas no cemitério e as crianças ganham doces e bombons em forma de caveiras*” (2002, p. 42, apud KARNAL).

Conforme a tradição mexicana, nos dias 1 e 2 de novembro, os mortos vêm visitar seus familiares vivos com a permissão de Deus e ao mesmo tempo têm a oportunidade de comer e beber do que mais gostavam, por isso, a preparação dos altares.

No dia primeiro de novembro, ao meio-dia, é preparado um altar com muitas velas para as crianças que já morreram, para que iluminem o seu caminho de volta para a Terra. Este altar é decorado com flores, papéis recortados com motivos de morte, doces, brinquedos e o que chamam de “*pão dos mortos*” que é um pão assemelhado aos ossos humanos.

No dia dois de novembro, à meia-noite, são espalhadas pétalas de flores e velas pelas ruas para a chegada dos adultos, a fim de encontrarem o caminho do cemitério. A família prepara um altar com os pratos preferidos, em vida, do falecido. Durante estes dois dias poucas pessoas dormem – faz-se festa durante o dia e a noite com muita comida, músicas e danças. São organizados desfiles onde homens e mulheres saem mascarados para evitar o apego das almas para com os demais familiares, a fim de não demorarem a retornar. Por fim, no dia três de novembro tudo é recolhido e os parentes se visitam e distribuem presentes ainda num clima de muita festa. Existem até aqueles que vão aos cemitérios trocar as roupas dos familiares falecidos para que estejam bonitos no dia do regresso.

No Brasil, mais precisamente na cultura indígena brasileira, destacamos os rituais de funeral dos índios Bororo do Mato Grosso, que chamam atenção por sua beleza e complexidade. Sua cerimônia chega a durar cerca de dois a três meses. Segundo a antropóloga Sylvia Caiuby<sup>1</sup> “*Os bens do morto são destruídos, os parentes se afastam da aldeia, arrancam os cabelos, rasgam as roupas, fazem rituais diários*”.

---

<sup>1</sup> Site disponível em: [http://marieclaire.globo.com/edic/ed103/rep\\_luto4.htm](http://marieclaire.globo.com/edic/ed103/rep_luto4.htm).. Acesso em 05/06/2005.

Os ritos iniciam-se com a agonia ou morte de um indivíduo, que é enterrado em cova rasa até que seja descarnado e a seguir é desenterrado, lavado, devidamente enfeitado e por fim enterrado definitivamente. Eles acreditam que a onça incorpora o espírito do morto, por isso um representante é designado para ir em busca de uma onça e matá-la. Depois de morta, a onça é entregue aos parentes.

Enfim, a história nos mostra, por meio de tão diferentes rituais, como o fato de morrer pode ser absorvido com serenidade, como uma homenagem à própria vida que ali se finda.

**CAPÍTULO II**  
**OS CEMITÉRIOS**

## 2.1 A origem das necrópoles – Cidade dos Mortos

*”Cemitério vêm do grego koimetérion, que significa dormitório. Um recinto onde se enterram e guardam os corpos e é conhecido popularmente como necrópole, sepulcrário, campo-santo, cidades dos pés juntos, última morada”.*

*(Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).*

Desde que o primeiro homem andou na terra, mais de cem bilhões de pessoas já nasceram e óbvio que muitas já morreram.

O homem evoluiu muito desde as remotas épocas, em termos de conceitos de saúde, higiene e alimentação. Tudo isto contribuiu no aumento da qualidade de vida.

Mesmo com toda esta evolução humana, em que o homem controla os sonhos, o sono, transfere a circulação do corpo para uma máquina, comunica-se com o mundo inteiro em frações de segundos, não foi possível vencer a morte.

Por maior que seja nossa “*passagem*” pela terra, temos certeza de que um dia iremos morrer e pelo menos 75% de nós fixaremos residência na “*cidade dos mortos*” a qual chamamos de cemitério, os 25% restantes preferem o processo da cremação.

Segundo Robert Florence<sup>2</sup>, “*Cidade dos mortos porque se parecem muito com pequenas cidades quando são observadas de cima*”.

De alguma forma, cemitérios são regiões sagradas que não fazem parte da nossa vida cotidiana e ao mesmo tempo, são reflexos e partes dela (temos no mínimo um familiar, amigo ou conhecido enterrado em um cemitério) e são moldadas por ela, conforme o nosso destino.

Além do valor sentimental e humano, os cemitérios são uma rica fonte de informações históricas e uma conexão importante com o passado, seja para indivíduos ou instituições.

---

<sup>2</sup> Entrevista exibida no documentário **Maravilhas Modernas**, no dia 10/05/2005 às 20h00 pelo canal History Channel.



Acima do solo, a história dos cemitérios é feita de pedras e ecos da eternidade, feita de homenagens e mensagens de saudade e revolta, mais abaixo dele a história é feita de corpos transformados pelo impiedoso processo de decomposição.

Tornar-se-ia mais consolador pensar na morte como um sono profundo e no cemitério como um lugar agradável. Mas não é assim que a maioria das pessoas interpreta o local cemitério. Segundo o consultor e professor de Feng Shui, Franco Guizatti<sup>3</sup>,

*“Só vamos ao cemitério quando alguém falece. Sempre teremos energia de perda, morte, sofrimento, tristeza, dor, revolta etc. A visão de um cemitério, para a maioria das pessoas, não agrada e emana uma influência muito negativa”.*

Veremos o estudo do comportamento das pessoas diante de um cemitério nos próximos capítulos.

No começo da humanidade, os mortos eram abandonados em locais isolados para se decomporem ou serem devorados por abutres.

Tempos depois, os cadáveres eram cobertos por rochas pesadas não apenas para formar um túmulo como também, para evitar que estes se levantassem e andassem entre os vivos. Os supersticiosos temiam que os mortos voltassem à vida.

*“Os enfermos eram deixados em cavernas lacradas por rochas. Se ficassem bons, retiravam as pedras e saíam, caso contrário, aquele seria seu túmulo” (David Charles Sloane<sup>4</sup>).*

Por volta de 50.000 a.C., os Neandertais habitavam cavernas, fabricavam armas de sílex, caçavam e cavavam túmulos para enterrar o corpo ou ossos de seus mortos com alimentos e ornamentos, como uma forma de oferenda. Também há indícios de que marcavam os túmulos com flores.

---

<sup>3</sup> Site disponível: <http://www.terra.com.br/mulher/decoracao/2002/03/19/000.htm> - acessado em 02/06/2005.

<sup>4</sup> Idem p.29

Em 3200 a.C., os egípcios desenvolveram a arte do embalsamamento, ou seja, o tratamento de um cadáver com produtos preservativos que evitavam ou retardavam o processo de deterioração, para enterrar suas figuras nobres.

Este método egípcio exigia 80 dias: primeiro o cérebro do morto era arrancado pelas narinas, depois o cadáver repousava em salmoura durante um mês. Após a secagem, o corpo dissecado era colocado em um caixão de madeira envolvido em um sarcófago de pedra.

O resultado alcançado pelos embalsamadores egípcios foi de peles secas e enegrecidas, esticadas sobre a carne e quimicamente escurecidas. Eles acreditavam que o corpo nestas condições atraía uma entidade astral que conduzia o morto para o além.

As crenças sobre a vida após a morte fizeram dos túmulos egípcios, principalmente as pirâmides, que eram túmulos dos faraós, os mais ricos da história humana em oferendas enterradas com os defuntos e em pinturas retratando a vida cotidiana.

Em 800 a.C., o método mais comum de sepultamento na Grécia era o da cremação.

Os gregos criaram o termo “*koimetérion*” ou lugar de repouso do qual derivava a palavra cemitério. O processo chegou ao império romano em 600 a.C.

*“Um dos fatores que levaram os romanos a adotar a cremação foi a questão higiênica. As cidades careciam de higiene e todos temiam a contaminação associada à decomposição” (Davi Charles Sloane<sup>5</sup>).*

A cremação perdeu força por volta de 400 d.C. no império Constantino, época da ascensão do cristianismo, sendo o processo crematório decretado como um ato pagão.

A alternativa foi o sepultamento em terra, que tinha um grande significado para os cristãos. As igrejas eram construídas sobre os túmulos de mártires, pessoas que sofreram tormentos ou que morreram por suas crenças ou opiniões, neste caso a fé cristã.

---

<sup>5</sup> Idem p.29

A posição social definia o local onde seriam enterrados os mortos: os ricos e poderosos eram sepultados em solo consagrado dentro da igreja. Aqueles que não podiam dispor de um sepultamento à altura, eram enterrados em covas comuns, fora da igreja. Os cristãos acreditavam que desta forma o corpo ressuscitaria no dia do julgamento final.

*“Ser enterrado em uma igreja, era estar perto de Deus, estar o mais perto possível dessa relação mágica entre os seres humanos e Deus. Obviamente, as igrejas ficaram superlotadas de túmulos e foi impossível a demanda naquele espaço” (Davi Charles Sloane<sup>6</sup>).*

Os mortos somente eram sepultados longe da igreja quando havia grandes mortandades ou no caso do falecido não estar inserido no catolicismo.

No Brasil o enterro fora da igreja era reservado aos acatólicos, protestantes, judeus, muçulmanos, escravos e condenados. Nas igrejas, conventos e capelas particulares sepultavam-se apenas os mortos da nobreza rural e da burguesia urbana. Não eram usados caixões, o defunto era envolvido em uma mortalha e conduzido em uma padiola, uma espécie de maca. Havia dois horários para os enterros, um de manhã e outro à tarde. Durante esses horários as igrejas tocavam os sinos com o dobre continuado e monótono de finados, o que provocava mal estar e queixa da população.

Apesar dos grandes males sanitários que os sepultamentos nas igrejas provocavam, o preconceito para enterrarem mortos em cemitérios era grande, tanto entre a população como entre os religiosos. As paredes das sepulturas das igrejas não apresentavam dimensões apropriadas para a vedação completa das catacumbas, deixando atravessar sempre um mau cheiro e impedindo a permanência das pessoas nos templos. As irmandades religiosas eram apontadas como as principais geradoras desse mal e os vizinhos das igrejas eram os que mais sofriam.

Em épocas de epidemia, quando o número de mortos era maior, sepultava-se um ou dois corpos na mesma catacumba ou retiravam-se os corpos antes que passasse o tempo necessário para decomposição do cadáver.

---

<sup>6</sup> Idem p.29

Em 1374, época em que a peste negra<sup>7</sup> pairava sobre a Europa, a doença provocou milhões de mortes em apenas 18 meses. Com os cemitérios abarrotados de corpos, olhos aterrorizados acompanhavam o estágio final da doença em todas as regiões, momento retratado no quadro “*Triunfo da morte*” (1562), do pintor belga Peter Bruegel (1525-1569). Ver anexo I.

Conforme a praga se espalhava, as igrejas ficavam lotadas de corpos, que acabavam amontoados como lenhas. A única solução foi transformar o pátio das igrejas em cemitério.

No século XVIII, o espaço tornou-se escasso e os cemitérios foram levados para fora dos jardins das igrejas. Isto já não era novidade para os japoneses, chineses, judeus e outros povos que já tinham como tradição a inumação a “*céu aberto*”.

Mas na Europa, o descanso para os mortos era por pouco tempo, pois as instalações fúnebres eram alugadas e não compradas - significava que o corpo era removido em um ano para dar lugar a outro corpo, um novo ocupante.

Em Paris, década de 1780, as autoridades construíram um depósito subterrâneo de ossos que era chamado de catacumba. Mas com o crescimento sucessivo do número de mortos, a cidade não teve outra escolha a não ser providenciar mais espaço.

*“Após a Revolução Francesa, a Europa já havia separado os mortos dos vivos, criando os cemitérios ao ar livre, longe dos perímetros urbanos, para efeito de saneamento básico. O Brasil colonial também adere à idéia, e em 1801 o príncipe regente lança a primeira lei colonial, a Carta Régia nº 18, de 14 de janeiro, regulamentando as práticas vigentes de sepultamento e combatendo todo tipo de enterros dentro dos limites urbanos. O que o príncipe regente não contava era com as resistências da população e das irmandades”.*  
(Edmar da Silva<sup>8</sup>)

Inaugurado em maio de 1804, o cemitério Père Lachaise (situado na zona leste de Paris), ainda oferece sepultamento permanente em suas dependências. A princípio, o

---

<sup>7</sup>A peste negra é uma doença transmitida por roedores infectados com um vírus mortal, de importância histórica e que até a bem pouco tempo fazia tremer as populações do mundo. Quando chegou à Europa em 1374, a peste negra matou cerca de um terço da população. KEELING, M.J. & GILLIGAN, C.A.

<sup>8</sup> Site disponível: <http://www.obito.com.br/global/Imprimir.asp?id=245> - acessado em 02/06/2005.

cemitério não empolgou muito os cidadãos parisienses. É certo que ninguém apostou na época, que aquele local tão distante do centro da cidade, iria tornar-se o cemitério mais popular do mundo. Tudo começou a mudar quando túmulos de famosos começaram a ser transferidos para o Père Lachaise. Os escritores Molière e La Fontaine (1621-1695) foram algumas das primeiras celebridades a chegar.

*“A importação de defuntos renomados deu tão certo que o lugar se transformou num dos principais pontos turísticos de Paris. Hoje, mais de 2 milhões de visitantes passam pelo cemitério todos os anos. Como ele é imenso - possui uma área equivalente a mais de 50 campos de futebol - e há tanta gente famosa enterrada ali, guias organizam passeios temáticos: é possível visitar só as sepulturas de mestres da literatura ou só a de mestres da música, por exemplo” (SILVA, 1993, p. 34)*

Ao contrário da Europa, os túmulos americanos não eram alugados e o tempo de permanência era indeterminado. Mas com a inevitável falta de espaço o “*descanso eterno*” passou a ter valor de imóvel para quem quisesse garantir o seu.

*“O problema foi que as igrejas da cidade de Nova Iorque, as igrejas de Boston ou até mesmo as da Filadélfia ficavam no centro da cidade e não podiam mais acomodar pessoas nos seus cemitérios” (Davi Charles Sloane<sup>9</sup>)*

Em 1831, Cambridge (Massachusetts) estava na extremidade do momento de renovação da América.

O objetivo, que logo repercutiu em Brooklyn, era de levar a necrópole para fora das metrópoles e transformá-la em um lugar atrativo para a visitação pública.

*“Os cemitérios se transformaram em atração turística por volta do ano de 1830 quando foram criados com lindas paisagens nas cercanias de grandes*

---

<sup>9</sup> Idem p.29

*ciudades. Serviam como parques antes mesmo da existência de parques”*  
(Richard Meyer<sup>10</sup>).

Concluimos então que por questões sanitárias ou religiosas o sepultamento foi retirado da igreja e levado para áreas abertas, os chamados cemitérios.

O crescimento e desenvolvimento das cidades e o processo de urbanização acelerada a partir do século XVIII, junto com a revolução industrial, são fatores importantes para a criação dos cemitérios coletivos a céu aberto, visto que com o aumento populacional descomedido tornou-se impossível o sepultamento dentro de capelas ou igrejas, já que estas não comportavam mais a demanda.

Nestes cemitérios a céu aberto, passaram a ser sepultados diversos tipos de pessoas, independentemente de sua religião, crença ou raça.

*“Numa primeira impressão o fato parece ter explicação simples, mas quando se atenta para o resultado ocorrido, sobre mais de um século, estudando-se o fantástico derrame de fortunas nas construções tumulárias pomposas, dos abastados de cada cidade, quando se verifica a diferença de comportamento entre a sepultura de igreja e a de construção livre arbitrada pela fantasia do usuário, e também quando se considera a história social e cultural do mesmo período, então se percebem outras razões no fenômeno. Não foi somente uma questão do ponto de vista higiênico, ou seja, uma razão metade prática e metade científica (e também política e social), da sociedade oitocentista. Se esta mudança acontecesse apenas por esse motivo, os cemitérios católicos em descampados teriam permanecido sóbrios e padronizados do mesmo modo que os erigidos por irmandades em mausoléus coletivos ou como os de outras religiões”* (FORGANES, Rosely, 1998 p.66-71).

A singeleza dos padrões tradicionais e primitivos continuou caracterizando a sepultura coletiva enquanto a ostentação e a soberba dos túmulos individuais se desenvolveram espantosamente. Deste modo, o verdadeiro motivo da mudança de costume e gosto existia há longos tempos na pretensão de tornar-se um monumento

---

<sup>10</sup> Idem p.29

perante a comunidade. Sempre foi o anseio dos mais poderosos, distinguir-se, através de uma marca inacabável, de um artifício de louvor no caso o sepulcro, pela atração de comparar-se aos grandes personagens da história, incluindo os soberanos, os faraós, os reis, os papas e os príncipes, que mereceram sepulcros individualizados e diferenciados dos demais.

*“Alguns monumentos e símbolos tumulares, em um dado período da história, refletem aquilo que importavam para as pessoas de então ou o poder aquisitivo que esta tinha. Nos primeiros cemitérios dos Estados Unidos encontrados na nova Inglaterra colonial e especialmente aqueles períodos puritanos, encontra-se um grande número de símbolos da mortalidade” - (Richard Meyer<sup>11</sup>)*

À medida que nos tornamos únicos em nossas atividades, em nossas vocações e nossas vidas, exigimos formas únicas e exclusivas de sermos lembrados e representados.

As transformações sofridas pelo cemitério ao longo da história refletem desejos humanos e questões práticas para abrigar milhões de cadáveres.

Ainda que os rituais de sepultamento do passado fossem padronizados, hoje as pessoas querem uma despedida individual e a tecnologia parece capaz de viabilizar a imagem, recipiente de transportes desejados.

Sejam quais forem as mudanças que aguardam o cemitério no futuro, a morte sempre será um negócio lucrativo e fará milhões de novos clientes anualmente.

---

<sup>11</sup> Idem p.29

**CAPÍTULO III**  
**ARTE TUMULAR**



### 3.1 O Surgimento da Arte Cemiterial

*"Não são os fatos em si que ferem a imaginação coletiva, mas sim o modo pelo qual se lhes apresentam. Os monumentos e as comemorações são, sem dúvida, os meios mais proveitosos, práticos e seguros, para gravar no espírito do povo as proezas de um herói, a grandeza de um nome ou a importância e o significado de um acontecimento".*

*(Gustave Le Bon)*

Os cemitérios, em sua maioria, possuem uma aparência triste e monótona; para muitas pessoas, representa apenas o “fim”, um local onde os corpos sem vida serão enterrados.

Apesar desta aparência melancólica, os cemitérios, principalmente os mais antigos, são verdadeiras galerias de arte a céu aberto, guardam obras de valor inestimável. Existem milhares de obras arquitetônicas e esculturais de valor histórico e qualidade estética inegáveis.

A lápide individual colocada sobre o tumulo, é uma invenção recente de aproximadamente 300 anos.

Nos cemitérios mais antigos, é comum encontrarmos trabalhos de artistas célebres abrigando os restos de anônimos abastados. Em alguns casos, os mausoléus são as maiores obras de arte, alvos de visita e turismo.

Em alguns países como na Argentina, cemitério Recoleta, Buenos Aires e na França, cemitério Père Lachaise, Paris, os cemitérios são considerados verdadeiros pontos turísticos, atraindo visitantes do mundo inteiro por possuírem uma magnitude escultural e também pela importância dos que ali repousam eternamente.

*“Deixando o preconceito e a superstição de lado um passeio por um cemitério pode ser na verdade algo bastante agradável. E um fato mais interessante é que além do prazer artístico uma visita ao cemitério pode se tornar também uma rica aula de história”. (ALGRAVE, 2000<sup>12</sup>)*

A Arte Tumular teve seu início na Idade Média, também conhecida como “*Idade das Trevas*”, um rico cenário para a proliferação da cultura gótica com seus castelos

---

<sup>12</sup> Site disponível: <http://beatrix.pro.br/cultobsc/consolacao.htm> - Artigo: “Cemitério da Consolação (São Paulo)” - acessado em 05/04/2005

medievais, o misticismo dos rituais pagãos, a forte influência religiosa e o conflito do ego humano.

Na Segunda metade do século XIX, com a necessidade de eternizarem-se perante a sociedade, os europeus faziam dos seus túmulos um símbolo de prosperidade junto aos seus compatriotas, confeccionados por artistas famosos, especialmente para adornar a morada definitiva.

*“A imortalidade, o estoque de figuras, signos e dizeres representados por séculos de cristianismo católico. Estilos artísticos são desenvolvidos para um disfarce que espelha visões do mundo” (LEVINE, 1983, p. 5).*

Na chamada *Belle époque* que se estendeu até 1890 na arte europeia, os objetos requintados que enalteciam os túmulos eram produzidos artesanalmente, dando início a seguir à *art nouveau*, período que marcou a produção de caráter industrial da estrutura arquitetônica e escultural dos jazigos.

*“Ao ocorrer durante a Terceira República, a Belle Époque foi considerada uma era de ouro da beleza, inovação e paz entre a França e seus vizinhos europeus. Novas invenções tornavam a vida mais fácil em todos os níveis sociais, e a cena cultural estava em efervescência, cabarés, o cancan, e o cinema haviam nascido, e a arte tomava novas formas com o Impressionismo e a Art Nouveau. A arte e a arquitetura inspiradas no estilo dessa era, em outras nações, são chamadas algumas vezes de estilo “Belle Époque” (WIKIPÉDIA, 1998<sup>13</sup>).*

A utilização dos recursos mecânicos, ferramentas e novas técnicas da metalurgia e fundição propiciavam um lucro muito maior ao antigo artesão, que passara a ser um operário. Os arquétipos encarregavam-se de uniformizar os detalhes artísticos das esculturas e pilares que amparavam os mausoléus. Assim, o custo foi reduzido e a sofisticação das obras de arte tumular foi democratizada. Mesmo as famílias mais pobres poderiam ter um jazigo ostentando a nobreza.

---

<sup>13</sup> Site disponível em “[http://pt.wikipedia.org/wiki/Belle\\_%C3%A9poque](http://pt.wikipedia.org/wiki/Belle_%C3%A9poque)” Artigo da Wikipédia: “*Belle Epoque*” – acessado em 20/09/2005

Houve também uma modificação significativa na transição entre os períodos neoclassicista e o da *Belle époque*, que traduzia as novas intenções e a espiritualidade dos artistas. A simbologia tradicional, e quase obrigatória, foi deixada de lado, tanto nas figuras individuais, como num contexto de distribuição geral da alegoria. Em seu lugar, passaram a ser usadas imagens de um teor lírico, porém realista. As figuras aladas e assexuadas dos anjos e estatuária classicista assumem uma aparência humanizada e a condição de personagens do cotidiano. Os anjos da *Belle Époque* ganham sexo, expressam a idade, brincam como crianças, refletem a juventude, mas também sabem quando querem demonstrar desolação, atitudes cênicas e melodramáticas. Começam também a surgir novas características através dos portões e grades, cercaduras, cruzeiros e vigas metálicas, objetos pré-moldados etc.

Outro ponto de sensível mudança na *Belle époque* foi a inserção de alegorias simbolizando prosperidade, prestígio e fortuna. A presença de figuras pagãs, como Hermes (deus do comércio) ou mitológicas também são constantes.

A arte tumular brasileira teve sua ignição ao final do século XIX e início do XX.

Nesse momento, cresce a disposição de famílias com recursos financeiros e a intenção de construir túmulos suntuosos, a partir do trabalho de artistas famosos da Europa, principalmente os italianos.

Com técnicas relativamente novas para os brasileiros e estilos artísticos únicos, estes profissionais eram muito respeitados.

Artistas como Victor Brecheret que produz suas peças modernistas, Galileo Emendabili, Bruno Giorgi, Wilian Zadig, Nicola Rollo, Rodolfo Bernardelli e Celso Antônio de Meneses denotam monumentalidade e sensualismo em suas esculturas. A presença do nu é considerada uma grande inovação. Todas as obras apresentam uma riqueza extrema de detalhes, e uma leveza só atingida por artistas de expressão e talento elevados como os escultores que aqui aportaram.

A marca de todos estes está em alguns dos maiores cemitérios brasileiros. São também responsáveis por trazer arte e história para um lugar onde muitos só enxergam tristeza e saudade.

Encontramos exemplos excelentes de arte tumular, nos cemitérios de São Paulo, como o da Consolação, o Araçá, o Paulista e o Morumbi. Também encontramos importantes acervos de obras tumulares no Rio de Janeiro, na Bahia e em Recife.

*“Em cemitérios como o da Consolação em São Paulo é possível encontrar obras de artistas consagrados como Brecheret e Luigi Brizzolara ao lado de outros não tão conhecidos como Eugênio Pratti e Ramando Zago. Muitos artistas italianos de renome deixaram um enorme acervo de peças espalhadas pelos cemitérios brasileiros, principalmente em São Paulo, e muitas destas peças só agora estão sendo identificadas. Para se ter uma idéia, somente no cemitério do Araçá, existe cerca de 80 peças catalogadas, de notório valor artístico. Isto é só o começo, pois o cemitério localiza-se na mancha urbana central onde também está a maior parte dos prédios que compõem o Patrimônio Histórico de São Paulo, e de fato faz parte deste patrimônio.”* (ALGRAVE, 2000<sup>14</sup>)

Dentre as obras mais importantes está *O sepultamento*, de Victor Brecheret. A obra de 1923 foi feita em granito, com um conjunto de esculturas que representam a despedida e o lamento das três Marias que choravam a morte de Jesus. Por este trabalho, o escultor foi premiado no Salão de Outono no mesmo ano.

*Figura 1 e 1.1: O Sepultamento, Vitor Brecheret – Cemitério da Consolação - SP*



Fonte: Reprodução - Beatrix Algrave

<sup>14</sup> Site disponível: <http://www.cemiteriodosmortos.hpg.ig.com.br/arquiteturraartecemiterial.htm> - Artigo: "Arquitetura e escultura tumular"- acessado em 18/06/2005

O primeiro nu feminino erigido no Cemitério da Consolação localizado na cidade de São Paulo, *Solitude*, foi esculpido em 1922 por Francisco Leopoldo e Silva. A estátua representa uma provocante mulher em êxtase, envolta num véu translúcido que mais realça suas formas. Uma seminudez sugerida parece ter sempre impacto maior que o nu evidente.

*Figura 2: Solitude – Francisco L. e Silva - Cemitério da Consolação - SP*



Fonte: Reprodução - Funerária On Line

*Figura 3: Nu, Mármore e granito – Francisco L. e Silva - Cemitério da Consolação - SP*



Fonte: Reprodução - Funerária On Line

Para entender a importância histórica do cemitério da Consolação, cabe recorrer ao passado. Ele foi construído na metade do século XIX por uma exigência da Câmara

Municipal e de médicos sanitaristas, que desejavam acabar com as práticas de sepultamento nas igrejas. Assim, a partir de agosto de 1858 a cidade ganha o primeiro Cemitério Municipal, localizado nos arrabaldes da cidade, uma região que era considerada periférica e distante do centro urbano.

*Figura 4: Antiga Fachada do Cemitério da Consolação - SP*



Fonte: Reprodução / Beatrix Algrave

Nos primeiros anos foram sepultados neste local corpos de pessoas de todas as classes sociais – de escravos aos seus senhores.

A partir da década de 1870 a cidade de São Paulo passa por uma nova fase de desenvolvimento. A modernização se instalava rapidamente, alterando de maneira drástica o visual e os costumes provincianos de uma população pouco numerosa que passa a crescer aceleradamente. A sociedade paulistana foi modificada estrutural e culturalmente, sob forte influência européia. A *Belle Époque* de São Paulo pretendia copiar em todos os sentidos o cenário do velho continente, em especial a França.

A fonte destas mudanças é o cultivo do café no Vale do Paraíba e no oeste paulista, que depois era exportado aos mercados europeus, tão ansiosos por esta bebida

estimulante. Sua demanda era ampla e os lucros da venda também, disponibilizando um capital excedente que modernizou a cidade, eixo da colheita e da exportação e que propiciou a entrada do Brasil e de São Paulo, em particular, na rota do capitalismo industrial.

Este novo tempo impunha a modernização e a modernidade, o que significava adoção dos modelos europeus de urbanização, moda, culinária, música, artes plásticas, literatura, arquitetura, ou seja, tudo deveria parecer europeu.

Os campos santos também deveriam ter ares modernos e cosmopolitas. O cemitério da Consolação passou ser local de sepultamento de pessoas de maior poder aquisitivo.

Com este cenário podemos entender as condições materiais da sociedade que sepultou seus entes queridos no cemitério da Consolação a partir do início do século XX. Mesmo na hora do enterro, da despedida, eles almejavam a modernidade, e estes anseios seriam refletidos nitidamente na construção e ornamentação dos túmulos e mausoléus, muitas vezes monumentais. Em cada túmulo, hoje pode-se resgatar um pouco da vida política e cultural desta classe dominante.

Assim torna-se possível compreender a chegada de tantos artistas, escultores e construtores europeus, em sua maioria da Itália, para trabalhar, pois a cidade de São Paulo era um paraíso para estes profissionais que utilizavam técnicas inovadoras. Os estilos artísticos utilizados eram muito admirados pela elite que precisava de arquitetos, engenheiros, decoradores, estilistas, sanitaristas etc.

*“Desta forma não só o afluxo de imigrantes vindos da Europa aumentou como também aumentou o número de jovens brasileiros que se encaminhavam aos ateliês europeus para dominar as técnicas e os conhecimentos agora valorizados no Brasil que enriqueciam e tornava conhecidos os artistas estrangeiros que aqui desembarcavam. Escultores como Victor Brecheret, Galileo Emendabili, Bruno Giorgi, Wilian Zadig, Nocola Rollo, Rodolfo Bernardelli, Celso Antonio de Meneses ente muitos outros fazem parte deste momento histórico. Aceitam as encomendas dos barões do café, de políticos, artistas, industriais e toda a sorte de famílias abastadas residentes na capital, e criaram verdadeiros conjuntos escultóricos para ornamentar*

*os túmulos e povoar o imaginário dos visitantes da necrópole sobre a importância dos falecidos.” (QUEIROZ, 2003<sup>15</sup>)*

Infelizmente, no Brasil, parece não existir um interesse pelos cemitérios antigos e suas obras tumulares. Ao invés disto, há um mito que relaciona os cemitérios a algum aspecto negativo e as visitas limitam-se ao dia de finados e outras ocasiões especiais. A beleza das imagens e formas que adornam os jazigos é ignorada, e os cemitérios tornam-se apenas um depósito de cadáveres.

Mesmo com todo o mito criado diante deste cenário, o Serviço Funerário do Cemitério da Consolação instituiu a visita monitorada aos túmulos de personalidades ilustres e às obras de arte tumular. O público alvo são estudantes, professores, pesquisadores, turistas, entre outros assim como acontece em cemitérios europeus. Há um monitor para dar informações sobre as obras de arte e a história de cada uma das personalidades sepultadas.

Para as pessoas que desejam conhecer o passado de São Paulo este é um passeio bastante interessante. No cemitério da Consolação é possível encontrar mausoléus ricamente ornamentados com esculturas em bronze, granito ou mármore carrara e altura superior a 3 metros.

A visita monitorada é parte do Projeto Arte Tumular, idealizado pelo Serviço funerário do Município de São Paulo, a partir de pesquisas realizadas pelo historiador Délio Freire dos Santos, falecido em 2001.

*“O Projeto Arte Tumular foi idealizado para apresentar aos paulistanos os cemitérios antigos de São Paulo, aqueles que ainda conservam acervos artísticos e históricos provenientes de épocas em que São Paulo era uma cidade muito diferente da São Paulo que conhecemos hoje. Os cemitérios, tal como muitos casarões, teatros, linhas férreas e monumentos construídos em meados do século XIX e início do século XX, são testemunhas da história social da Paulicéia de antanho” (Prefeitura de São Paulo, 2003).*

---

<sup>15</sup> Site disponível: [http://www.partes.com.br/especial\\_sp\\_450/artetumular.htm](http://www.partes.com.br/especial_sp_450/artetumular.htm) - Artigo: “Cemitério da Consolação: arte e história imortais” - acessado em 15/05/2005.



Ao todo, o cemitério abriga 8.500 sepulturas, das quais cerca de 500 são consideradas patrimônio histórico. Aos poucos o cemitério da Consolação está se firmando como local de visitação turística. Em 2002, cerca de 3.000 pessoas participaram do *tour* Diário que tem em parte de seu roteiro a visitação das sepulturas de Monteiro Lobato e Mário de Andrade.

O responsável pelo passeio é Francisvaldo Almeida Gomes, que começou trabalhando como coveiro e hoje é guia para as pessoas que desejam conhecer a história e os pontos do campo santo. Ele começou a se interessar pelo passado do lugar observando o trabalho do historiador Délio Freire dos Santos, que implantou as visitas guiadas. Com a morte de Freire, em 2001, Francisvaldo assumiu a monitoria. É feliz com seu trabalho e enxerga nele o cumprimento de uma missão educadora. Só não gosta de falar de morte: enquanto percorre as alamedas silenciosas, evita o assunto.

A arte tumular no Brasil não teve uma seqüência lógica e sim um aglomerado de peças (algumas de origem duvidosa) dispostas aleatoriamente nos cemitérios, tornando-se difícil encontrar uma linha cronológica evolutiva.

Com o crescimento populacional e a falta de conservação das obras e das necrópoles, a arte tumular ficou bastante comprometida. O roubo de esculturas e objetos de bronze também contribui para a perda irreparável desta arte que faz parte do patrimônio artístico.

Hoje dificilmente encontramos artistas que se dediquem a produções de arte tumular, até mesmo porque com a criação de cemitérios jardim, esta cultura já não é usual e os custos para tais produções não são mais viáveis. As famílias não estão mais interessadas em sepultar seus mortos com a nobreza de outros tempos.

No Brasil, o cemitério jardim é uma influência dos projetos americanos (ou anglo-saxões, já que também são influenciados por cemitérios alemães e ingleses), que por sua vez seguem um modelo religioso calvinista austero, que valoriza a simplicidade em detrimento do luxo e ostentação dos cemitérios com túmulos, mais encontrado em países de maioria católica, tais como Itália, França, Espanha e Portugal.

Na cidade de São José dos Campos, o cemitério municipal Padre Rodolfo Komorek, nosso objeto de estudo, segue o padrão europeu comum ao período em que este foi inaugurado.

A arquitetura tumular do cemitério é composta por figuras da *Belle Epoque*, ou seja, traduzem novas intenções e a espiritualidade dos artistas. São imagens realistas como as dos anjos com forma humanizada e condição de personagens do cotidiano, portões e grades, cercaduras, cruzes e vigas metálicas, objetos pré-moldados etc.

### **3.2 Cemitério Municipal Padre Rodolfo Komórek de São José dos Campos**

Nos primeiros anos do século XIX, como de costume, os sepultamentos eram feitos nos arredores das igrejas. Em São José dos Campos esta área localizava-se onde atualmente encontra-se o Hotel San Remo, no bairro do Centro ao lado da igreja Matriz. Os padres e membros das associações religiosas eram enterrados dentro dos próprios templos, um costume difundido em todo o mundo cristão.

Lamentavelmente, toda a documentação da igreja Matriz referente ao período de sua fundação até 17 de junho de 1890 foi extraviada, conforme consta nas páginas 1 e 2 do livro do Tombo da Igreja Matriz (ver anexo 2). O pouco que se sabe sobre o histórico foi obtido através de documentos esparsos, referências em livros históricos e na Cúria Metropolitana da cidade de São Paulo.

Mas documentos e artigos encontrados no arquivo público da Fundação Cultural Cassiano Ricardo de São José dos Campos fazem as primeiras referências a um cemitério municipal em 3 de abril de 1832, aproximadamente 20 anos antes de o governo federal determinar que os sepultamentos fossem feitos unicamente em cemitérios e não mais nos interiores de igrejas, um fato relevante para a mudança no comportamento da sociedade, o que gerou a melhoria das condições de higiene e saúde do município.

Este cemitério foi demarcado em área, naquela época, fora do município e seu muro terminava onde atualmente se encontram, entre outros, o Edifício Salim Simão (em frente a Praça Afonso Pena) e lojas adjacentes. A entrada deste cemitério era na Travessa ou Beco São Miguel, antiga Rua Alegre, hoje Avenida Floriano Peixoto.

Figura 5: Planta redesenhada de São José dos Campos em 1835



Fonte: (BSPMA) – Biblioteca da Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente de São José dos Campos.

Em 24 de novembro de 1832 a câmara comunica ao presidente da Província, Sr. Rafael Tobias de Aguiar, que a obra de maior “precisão” no município era o Cemitério, orçado naquela época em 150\$000 (Cento e cinquenta mil reis).

Em 21 de outubro de 1834 a câmara informa que o cemitério “fora do recinto dos Templos” já estaria pronto e que somente faltavam benzer e construir uma capela.

Em 24 de dezembro de 1836 é informado, com relação à Resolução da Assembléia Legislativa Provincial de 18 de fevereiro daquele ano, que o Cemitério que a Câmara havia mandado construir se acha cercado de taipa e coberto de telha, mas que não foram feitas outras obras como determinava o orçamento. Foi redigido em 24 de dezembro deste mesmo ano, um Parecer da comissão constituída pelo prefeito para fazer uma vistoria no cemitério. A comissão que o viu cercado de taipa “bruta” e unicamente coberto de telha sugeriu primeiramente que o cemitério fosse rebocado e caiado nas partes internas e externas e mais tarde que fosse construída uma capela interna feita de taipa, barro e madeira e que fosse “retificado” o portão.

No período de 1851 e 1863, sabe-se que foi construída uma capela e no interior do cemitério público, a Capela São Miguel. Existente até hoje, a capela está localizada na atual Rua Floriano Peixoto (Largo São Miguel) o que permite fazermos uma análise

de que as construções existentes em seu entorno hoje, no passado fizeram parte do cemitério.

*Figura 6 e 6.1: Capela São Miguel – Primeiro Cemitério Municipal de São José dos Campos.*



Fonte: Arquivo Público do Município.

Com o desenvolvimento da cidade, o aumento populacional e a chegada de estrangeiros, a economia de São José dos Campos também teve um crescimento significativo. O cemitério ficou abarrotado, e com o crescimento da cidade em torno deste, não era possível expandir o local. Era necessário um outro local, maior e afastado do centro.

Em 5 de abril de 1880 foi assinado o termo de contrato para a construção do novo cemitério. A construção demorou aproximadamente dois anos por falta de verba.

Em 13 de julho de 1882 a câmara pediu ao presidente da Província verbas para as obras do novo cemitério. No dia 31 de julho deste mesmo ano, a câmara reivindicou a verba de um conto de réis (1.000\$000) prevista no orçamento para as obras e não recebida ainda.

Em 12 de outubro de 1882, respondendo à consulta de Francisco d' Escobar, presidente da câmara, o Vigário José Bueno da Cunha informa o estado que se encontram as obras do cemitério “Católico e Acatólico”. Faltava a construção de uma capela. Ele ainda esclarece que o “benzimento do novo cemitério devia ser feito logo para que evitassem os enterros no antigo cemitério, visto que este se encontrava muito cheio e no centro da povoação”.

Em 16 de outubro de 1882, câmara escreve “rogando a aprovação dos enterros como afirma o reverendo Vigário” e informa que será o Bispo diocesano quem fará a bênção do cemitério.

Este novo Cemitério teve seu primeiro sepultamento em 13 de novembro de 1882, como consta no livro de registro, infelizmente ainda na portaria do cemitério (deveria estar registrado no arquivo da cidade). Foi enterrado o Sr. Antônio Martins, 18 anos, filho de José Siqueira, o motivo de sua morte foi inflamação. O livro registra também os escravos que eram ali enterrados.

A partir deste momento encerraram-se os sepultamentos no antigo cemitério. Abateram-se os túmulos, as cruzes foram arrancadas, os que tinham recursos transportaram para a nova necrópole as cinzas de seus parentes e os que não puderam trasladar, continuaram considerando por muito tempo aquele lugar como a última morada de seus entes queridos. Os últimos vestígios das covas foram destruídos.

*“Veio o dia de finados. Contam que nesse dia, uma velhinha trêmula e de cabelos brancos, muito brancos, desde raiar da aurora até a hora do crepúsculo, passeou pelo jardim, pelos canteiros floridos, indo e vindo, vagorosamente. Os lábios murmuravam talvez a prece que lhe saia d’alma, como uma nuvem de incenso sai de um turíbulo. Aquele dia, foi um dia de saudade. Todos tinham ido ao novo cemitério, bem pertinho dali, três quarteirões apenas... menos a velhinha. (...)Procurava, procurava....Que procurava ela entre os canteiros floridos? Um túmulo, uma rama pequenina há muito desaparecida? Talvez a de um filhinho loiro de boquita em flor... último rebento, quiçá, de sua mocidade... Nem cruz naquele jardim... nada. Tudo se foi na voragem do tempo (...) No dia seguinte, encontraram-na morta junto a um canteiro florido, talvez a campa do filhinho loiro (...)” (JUNIOR, 1977, P.189).*

Por informação oral, não confirmada, o local do novo cemitério foi doado pelo Coronel Nhô Bino Pinto da Cunha e pela Matriarca Dona Mariquinha Baracho e que teria recebido, em troca dos terrenos cedidos, a área do antigo cemitério, que foi loteada.

O novo cemitério foi inaugurado com metade do tamanho atual, tendo de um lado o cemitério do Santíssimo e do outro lado um largo que ficava de frente para a atual Rua Francisco Rafael, antiga Praça São Sebastião. Hoje este largo foi também transformado em cemitério.

Figura 7: Planta redesenhada de São José dos Campos em 1920.



Fonte: (BSPMA) – Biblioteca da Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente de São José dos Campos.

Figura 8: Planta redesenhada de São José dos Campos nos dias atuais.



Fonte: (BSPMA) – Biblioteca da Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente de São José dos Campos.

No antigo cemitério do Santíssimo, eram enterradas apenas as pessoas que seguiam congregações religiosas católicas, como padres, freiras, bispos e etc. Do outro lado eram enterradas pessoas que não tinham nenhuma ligação com a congregação, sendo elas católicas ou não.

O Cemitério do Santíssimo pertence até hoje à Mitra Diocesana de São José dos Campos, que é responsável por toda documentação da Igreja Católica da cidade.

Em Outubro de 2004 o nome “Cemitério do Santíssimo” foi mudado para “Horto da Paz” e continua pertencendo à Mitra Diocesana.

Em 1º de novembro de 2002, o cemitério Municipal de São José dos Campos passa a ser denominado “Cemitério Municipal Padre Rodolfo Komórek”, de acordo com a lei nº 6196/02, autoria do Vereador Osmar Ferreira, que atualmente trabalha na Fundação Cultural Cassiano Ricardo. Não se sabe ao certo o motivo da mudança do nome, mas muitas pessoas que trabalham no cemitério, na Prefeitura e na Fundação Cultural, afirmam que o principal motivo desta escolha se deu pelo fato de que o padre Rodolfo Komórek, outrora sepultado ali, fosse uma personalidade marcante para a sociedade joseense, sendo considerado um "santo" popular, a quem são atribuídos milagres por muitos cidadãos.

Padre Rodolfo Komórek nasceu em 11 de outubro de 1890, em Bielsko, na então Silésia Austríaca, hoje a Polônia. Em 20 de janeiro de 1941, transferiu-se para a residência salesiana de São José dos Campos, vindo da cidade de Lavrinhas, para preencher o lugar do Padre Vicente. Veio precedido pela fama das suas virtudes heróicas na cura de doenças. Residiu na Casa dos Padres Salesianos, à Rua João Guilhermino, local onde hoje se encontra o Banco Real. Ele saía todos os dias pela manhã e só retornava à tarde, um tanto cansado, mas feliz porque trabalhava entre os doentes.

Em São José dos Campos, o Padre Rodolfo esteve muitas vezes internado no Sanatório Vicentino Aranha, não apenas para eventuais exames médicos feitos pelo Dr. Néelson D'ávila, como também para tratamento.

Em 12 de dezembro de 1949, com seus 59 anos, em vista da forte crise de sua doença recebeu, de joelhos e na presença de sacerdotes, os últimos sacramentos, mergulhando-se em fervorosa oração. Manteve-se consciente até o fim, apertando nas



mãos o crucifixo. Enfim, paralisaram-se os seus lábios e o coração deixou de pulsar. Morreu em São José dos Campos um Padre Santo, como dizia o povo.

*“O povo, apesar da chuva, foi visitar o corpo e depois participar da procissão do enterro até o lugar do descanso eterno. A rádio local, PL1, a cada momento pronunciava os elogios em honra do falecido Padre ao som da Ave Maria de Gounot. No cemitério, durante a alocação do vigário local, todos choravam comovidos”. (CESCO, 2004, p.06)*

No dia 08 de fevereiro de 1996, seus restos mortais foram transladados para a Casa de Relíquias que fica na Igreja Sagrada Família. (Ver fotos no anexo 3)

*“(...) Iniciava-se então um momento de grande emoção: a retirada da primeira laje de cimento que cobria o local onde estava Pe. Rodolfo. Enquanto isso todos rezavam o terço com muita fé...*

*Finalmente foi retirada a placa de cimento que cobria a cabeceira. O silêncio era total. Apertei o ramallete de rosas sobre o meu peito. Em seguida retiraram a segunda placa. \_ Meu Deus! Pensei, onde está o Pe. Rodolfo? Não havia nada, apenas ossos brancos desfeitos, misturados com a terra. Sobre eles, pedaços de ripas de madeira envelhecidas. Percebi claramente a pobreza do caixão onde fora colocado o nosso Pe. Santo, e mais, percebi também naquele momento, que fora enterrado sobre a terra nua, sem nenhum piso de cimento ou tijolo(...) Com muito cuidado, a auxiliar da médica legista, a Sra. Vilma Bélgica F. Andrade, desceu à sepultura e com muita delicadeza iniciou o trabalho de coleta dos restos mortais. Utilizando uma espécie de concha de prata, ela recolhia os ossos desfeitos da cabeça (misturados com pouca terra) e colocava-os na caixa... os cabelos, ela primeiramente ajeitou-os nas mãos, mostrou a todos nós e depois guardou-os na caixa forrada com cetim azul... tudo corria bem. Tudo o que havia embaixo das duas placas já havia sido delicadamente guardado. Faltava ainda a retirada da terceira pedra. A emoção havia tomado conta dos nossos corações... os dois funcionários entraram novamente na cova e retiraram com cuidado a última laje. Lá no chão, no meio da terra, estavam os ossos dos pés, testemunhando a sua santidade!*

*\_ Olha, olha os ossos dos pés, e ainda uma parte do osso da perna!*

*Cuidadosamente, Vilma, com luvas, chorando, foi retirando um, por um, mostrando a todos nós e colocando-os na caixa forrada de cetim. \_ Eles estão firmes! disse ela(...)” (CESCO, 1999, p.27)*

Atualmente, no cemitério Municipal, existe apenas um túmulo simbólico do Padre Rodolfo e também da Madre Teresa de Paula, que está em processo de

canonização. Seus restos mortais foram transladados para a Capela do Sanatório Maria Imaculada, no dia primeiro de setembro de 2005.

*Figura 9: Pessoas visitando o Túmulo Simbólico do Padre Rodolfo Komórek*



Foto: Elizete Romanini

*Figura 10: Freira orando no Túmulo Simbólico da Madre Teresa de Paula*



Foto: Daniel Feliciano

Várias outras personalidades importantes que fizeram parte da história de São José dos Campos encontram-se sepultadas neste cemitério, como o Sr. Francisco Rafael que deu nome a Rua do Cemitério, Dr. João Guilhermino, primeiro médico de São José dos Campos, Euclides Miragaia do tão conhecido movimento MMDC (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo) da Revolução de 1932, Olívio Gomes, patriarca da

família Gomes, proprietário da Tecelagem Parahyba, onde atualmente fica a sede da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Dr. Nelson D'ávila, Joaquim Bevilaquia, Vereador Pedro Bala, Ex-Prefeito Hélio Augusto de Souza, Vereador Laerte Pinto, Vereador Aloísio Petit, Cassiano Ricardo, Eduardo Cury (Pai), Padre Wagner, Padre Wagner Rodolfo pároco da Igreja São Benedito, Dr. Paulo Becker, Teopompo de Vasconcelos e o desconhecido, um andarilho muito conhecido por todos na cidade, a quem também atribuem várias graças alcançadas.

A maioria das pessoas desconhece a existência de um antigo cemitério e até mesmo a localização do Largo São Miguel, que atualmente serve de estacionamento para os veículos que passam pela Avenida Marechal Floriano Peixoto, em direção ao Shopping Center São José.

A Capela São Miguel realiza suas missas diariamente e possui um grupo de oração responsável pela sua conservação. Há pelo menos 15 anos atrás, a capela abrigava apenas velórios e abria suas portas para missas somente duas vezes por ano.

Não se pode negar o valor histórico do local para a cidade, uma vez que esta capela fazia parte do primeiro cemitério municipal da cidade. Talvez por este motivo a realização de velórios tenha sido mantida por muitos anos.

**CAPÍTULO IV**  
**INTERPRETANDO OS SÍMBOLOS TUMULARES**

#### 4.1 - Conceitos e Princípios da Semiótica

*"A semiótica se refere a tudo que pode ser considerado com um signo. Um signo é tudo que pode se tomado como substituto significante de algo mais".*

*(Humberto Eco)*

A palavra “semiótica” tem sua origem na palavra grega “semeion” e quer dizer “signo”. Segundo Lúcia Santaella (1983, p15), *a Semiótica é a ciência que tem por objetivo de investigação todas as linguagens possíveis*. São várias as teses e conceitos a respeito da semiótica, portanto, tomamos como base para nossos estudos a teoria semiótica desenvolvida por Charles Peirce<sup>16</sup> adotada também por Santaella, em que a semiótica não vem a ser uma ciência especial, como é o caso da física ou da química, por exemplo, pois são ciências que têm objetos de estudos delimitados e de cujas teorias podem-se absorver ferramentas empíricas a serem utilizadas em pesquisas aplicadas. Diferentemente de uma ciência especial, a semiótica de Peirce é de caráter geral e abstrato onde o signo tem uma relação triádica, podendo ser analisado nas suas propriedades internas, na sua referência àquilo que ele indica e nos tipos de efeitos que pode vir a produzir no receptor, ou seja, é algo (signo) que representa algo ou uma outra coisa (objeto) a alguém (intérprete). A este processo é dado o nome de Semiosis.

Para uma determinada coisa funcionar como signo são necessárias três propriedades formais que a capacitem: sua qualidade, sua existência e seu caráter de lei.

Quando uma qualidade funciona como signo é chamado de quali-signo. Ao utilizarmos num determinado desenho a cor azul, por exemplo, e esta cor produzir uma cadeia associativa que nos faz lembrar o céu, esta cor passa a funcionar como signo.

A propriedade de existir, que dá ao existente o poder de funcionar como signo, é chamada de sin-signo. Todo existente cria uma conexão, reage em relação a outros existentes e apontam ao mesmo tempo para uma série de outros existentes agindo como parte daquilo para o que apontam. Uma pessoa, por exemplo, através da sua maneira de vestir, de falar, de olhar, etc está emitindo sinais ocultos para uma infinidade de direções.

---

<sup>16</sup> Matemático, cientista, historiador, lógico e filósofo norte-americano – é considerado o fundador da Semiótica Moderna.

Na semiótica, quando algo tem a propriedade da lei, recebe o nome de legi-signo. Através da lei, o individual se molda à generalidade. Um exemplo de lei são as palavras, pois pertencem a um sistema combinatório de sons e de seqüências que dão a elas seus significados.

O signo, dependendo da propriedade que for considerada, pode representar seu objeto de maneira diferente. Como são três os tipos de propriedades, são três também os tipos de ligação que o signo pode ter com o objeto. Sendo o fundamento um quali-signo, o signo será um **ícone** “*o ícone só pode sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exhibe se assemelha a uma outra qualidade*” (SANTAELLA, 2002, p.17) como o caso do azul que representa o céu; se for um existente, ele será um **índice**. “*Para agir indicialmente, o signo deve ser considerado no seu aspecto existencial como parte de um outro existente para o qual o índice aponta e de que o índice é uma parte*” (2002 p. 20) Como é o caso da fumaça sendo o índice de fogo; se for uma lei, este será um **símbolo** “*Se o fundamento do símbolo é uma lei, então, o símbolo está plenamente habilitado para representar aquilo que a lei prescreve que ele represente*”. (2002, p.20) Neste caso, a bandeira brasileira representa o Brasil.

## 4.2 - Interpretando os Objetos

Os sistemas de signos, como práticas sociais organizadas, fazem com que a cultura seja transmitida de um indivíduo a outro, de geração em geração. A semiótica tem então, por objeto de estudo, os modos de constituição da produção de significação e de sentidos que o homem construiu ao longo dos séculos.

Os signos são mediadores entre um homem e outro dentro de uma sociedade sendo, ao mesmo tempo, materiais de comunicação entre as pessoas e exprimem a relação do próprio homem com o mundo que o cerca. Para algum elemento ser considerado um signo, precisa ter forma física, precisa se referir a alguma coisa que não ele mesmo e precisa ser reconhecido como tal por outros usuários do sistema de signos.

Para interpretarmos um signo através da semiótica, é preciso que se faça o exercício da fenomenologia (contemplar, discriminar e, por fim generalizar). É preciso analisar, através da fenomenologia, o primeiro nível dos signos que é o fundamento. *“(...) o exercício da fenomenologia exige de nós tão-só e apenas abrir as portas do espírito e olhar para os fenômenos”*. (Santaella 2002, p.29 apud PEIRCE).

Primeiramente é preciso dirigir ao fenômeno um olhar contemplativo, ou seja, meditar, dispor-se totalmente ao que está diante dos seus olhos deixando-o se mostrar. *“... temos de dar aos signos o tempo que eles precisam para se mostrarem. Sem isso, estamos destinados a perder a sensibilidade para seus aspectos qualitativos, para o seu caráter de quali-signo.”* (SANTAELLA, 2002, p 30). Num segundo momento, o olhar que devemos cultivar é o observacional, permitindo que nossa capacidade perceptiva entre em ação. É preciso estar alerta à existência única do fenômeno, distingui-lo do contexto ao qual pertence. Segundo Santaella 2002, p.31, apud FERREIRA, *este segundo tipo de fundamento do signo implica a observação do modo particular como o signo se corporifica, (...) aquilo que nele é irrepetível, único*. Ao analisarmos o modo de existência de um fenômeno, estamos analisando o seu caráter de sin-signo. Por fim, o terceiro tipo de olhar que devemos dirigir ao fenômeno é fruto do desenvolvimento da capacidade de generalização. *Trata-se aqui de conseguir abstrair o geral do particular, extrair de um dado fenômeno tudo aquilo que ele tem em comum com todos os outros com que compõe uma classe geral.* (2002, p.32)

Ao buscarmos no fenômeno as três propriedades que o habilita a agir como signo (as qualidades, sua existência e seu aspecto de lei), atravessamos o domínio da fenomenologia e nos dirigimos à semiótica passando a analisar não mais o fundamento, mas o objeto do signo. O melhor caminho para dar início à análise da relação objetual é o do objeto imediato – “(...) *modo pelo qual aquilo que o signo representa está, de alguma maneira em uma certa medida, presente no próprio signo*” (2002, p. 34). Para tanto é preciso desenvolver, novamente, três espécies de olhares: levando em consideração sua face de quali-signo, ou seja, seu aspecto qualitativo, pode se assemelhar ou também assumir outras aparências quaisquer. Um outro olhar é o que leva em consideração o aspecto existente de um signo – o sin-signo – sendo, neste caso o objeto imediato, a sua materialidade como parte do universo ao qual pertence. Por fim, o terceiro olhar é o que leva em conta a propriedade da lei – o legi-signo – neste caso, o objeto imediato representa a si próprio e quanto mais nos aproximamos deste objeto dinâmico, mais mediações vão sendo exigidas. “*Falar do objeto dinâmico significa falar do modo como o signo se reporta àquilo que ele intenta representar*” (SANTAELLA 2002, p. 36).



### 4.3 - Os Símbolos e Objetos Tumulares

Os símbolos e objetos tumulares são signos substitutivos que representam noções abstratas. Eles fazem apelos sensoriais que se manifestam pela exposição de um pensamento sob forma figurada, pela metáfora. “*O fato de os símbolos representarem uma idéia abstrata por meio de um objeto concreto, faz com que estes conceitos fiquem mais tangíveis*” (EPSTEIN 1986, p 59). Um dos maiores exemplos que conhecemos como símbolo visual é a cruz, simbolizando o cristianismo.

Os símbolos e objetos colocados nos túmulos fazem parte da cultura humana desde os primórdios, pela necessidade que o homem tem de manter viva a imagem do seu semelhante morto e, no caso das pessoas mais abastadas, a necessidade de monumentalizar-se perante a sociedade. Através do significado de cada símbolo podemos expressar ou exteriorizar os diversos sentimentos com relação à morte e àquele que ali se encontra sepultado. São vários os objetos utilizados para ornar um túmulo. Destacamos a seguir alguns dos símbolos identificados no Cemitério Padre Rodolfo Komoreck, foco do nosso objeto de estudo:

**4.3.1- A Cruz:** uma representação da morte, mesmo antes de ser considerado um símbolo cristão que foi adotada posteriormente pelo cristianismo. De maneira geral pode representar os quatro pontos cardeais, os quatro elementos da natureza, as quatro estações, ou ainda o amor e fé, a morte e o sacrifício. Apontando sua haste principal para o céu, representam ainda a certeza do encontro com o Pai.

Dentre tantas formas de cruzes existentes, destacamos algumas:

*Figura 11*



**Cruz Latina**, que é a maior representação do sofrimento de Cristo no Calvário e conseqüentemente da fé cristã. Representa a esperança, a proteção divina e a promessa da vida eterna.

Foto: Elizete Romanini

Figura 12



Fonte: Carlos Henrique Melo

Figura 13



Fonte: Reprodução

Figura 14



Fonte: Reprodução

**Cruz Pontaguda**, cruz de três pontas que simbolizam a Santíssima Trindade e conseqüentemente representam a fé cristã e proteção divina.

**Cruz Celta**, cruz com uma circunferência que abrange as três pontas nas extremidades da haste representando a divindade e imortalidade da natureza na cultura celta; o início e o fim de um ciclo de vida e a proteção das três pessoas da Santíssima Trindade, bem como sua proteção e promessa de vida eterna.

**Cruz e Coroa**, além das interpretações já feitas no que diz respeito à cruz, há o destaque à representação da soberania divina.

*Figura 15*



Foto: Carlos Henrique Melo

*Figura 16*



Foto: Carlos Henrique Melo

*Figura 17*



Foto: Carlos Henrique Melo

**Cruz e Âncora** é a representação da fé cristã em que a âncora simboliza Cristo como o guardião da alma, a segurança.

**Cruz e Espada ou lanças**, representa a batalha entre a vida e a morte onde vitória da morte sobre a vida é amparada por Cristo. Esta cruz refere-se também àqueles que morreram em batalhas, onde a espada representa o findar brusco de um ciclo e as lanças a imprevisibilidade da morte.

**Cruz e Mulher**, comumente encontrada em túmulos pertencentes a Maçons, representa a fé e subordinação diante de Deus. A figura da mulher apoiada na cruz representa a fragilidade do homem sob os desígnios de Deus, e sua fidelidade religiosa.

**4.3.2 – Os Ossos**, representam o corpo sem vida. A matéria sem alma. A tristeza do vazio.

**Crânios e Esqueletos** - é a simbologia mais realista da morte. É a forma de representação da morte que acompanha todos os seres.

Figura 18



Fonte: Reprodução

Figura 19



Fonte: Reprodução

Figura 20



Fonte: Reprodução

**Esqueleto** - está associado à morte inevitável, uma ameaça à vida. O fim.

**Crânio** vem a ser a representação da morte personificada através de um rosto sem feições, sem olhos, sem vida. Representa a “casa” da vida sem vida. O vazio.

**Crânio Alado**, com asas na sua parte superior – representa a ação divina sobre a morte. O fim da matéria e a liberação da alma.

**4.3.3 - Os Anjos** simbolizam, de maneira geral, os mensageiros de Deus. Representam a missão por Deus destinada a cada ser. Suas asas representam, de maneira geral a ascensão e ressurreição. Aparecem de sob várias formas e figuras:

*Figura 21*



Foto: Elizete Romanini

**Archanjo Miguel**, distinguido através de sua lança em combate ao demônio normalmente representado pela serpente ou dragão, refere-se à fé do falecido.

*Figura 22*



Foto: Elizete Romanini

**Anjo Triste** – representa o pesar e o lamento pela perda. Mas ao mesmo tempo, representa a proteção da alma através do mensageiro por Deus enviado.

Figura 23



Foto: Elizete Romanini

**Querubins** – utilizados normalmente para identificar túmulos de crianças. Estes pequenos anjos simbolizam a pureza da criança.

**4.3.4 - Flores.** Além de serem elementos de composição e adornos tumulares, as flores compõem diversas representações. Referem-se, sob um aspecto geral, à fragilidade e simplicidade. Mas suas combinações são tão amplas que, de acordo com suas características específicas, podem ter significados específicos, como é o caso de flores com cinco ou doze pétalas, que representam as chagas de Cristo, ou referem-se aos apóstolos. Destacamos algumas flores a seguir:

Figura 24

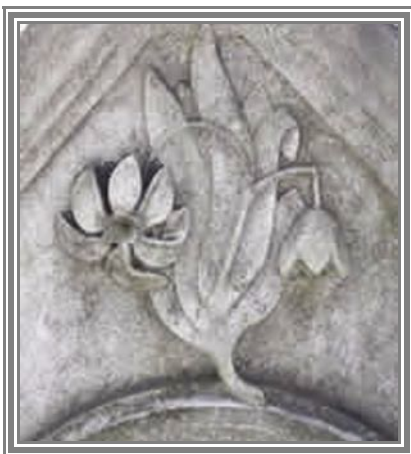


Foto: Carlos Henrique Melo

**Flores e folhas Mortas** – simbolizam a tristeza, a melancolia. A matéria sem vida.

Figura 25



Foto: Carlos Henrique Melo

**Acácia** – representa a natureza humana de Jesus, o corpo incorruptível – a madeira de acácia é a única madeira que não apodrece. Representa a imortalidade e a Ressurreição através dos seus inúmeros botões e seus fartos ramos.

**Flor-de-lis** - representa o ideal de vida, o caráter íntegro e humanitário daquele que ali se encontra. O encerrar de um ciclo vital com dignidade e honra.

**Lírios** - fortemente associadas à Virgem Maria, estas flores simbolizam a inocência da alma estabelecida após a morte, representam o amor da mulher. Os lírios representam também a verdade oculta na aparente inocência de todos os corações.

**Papoula** – muito conhecida como “dormideira”, refere-se à morte, ou sono eterno da paz.

Figura 26



Foto: Carlos Henrique Melo

**Flor Quebrada** (aqui entram também os troncos de árvores cortados ao meio, tocos de madeira) – simbolizam a fragilidade da vida perante as forças maiores naturais e Divinas.

**Rosa** – representa, de maneira geral o amor. É comum encontrarmos diversos tipos de rosas sobre os túmulos. A rosa vermelha representa o sofrimento, a paixão de Cristo. A rosa branca simboliza a pureza, a virgindade. Rosas entrelaçadas significam o elo afetivo entre o falecido e uma pessoa próxima a ele. Um ramalhete simboliza as virtudes e a beleza da pessoa ali sepultada. Normalmente, em túmulos de crianças são utilizados botões de rosas, simbolizando a morte prematura.

Figura 27



Foto: Carlos Henrique Melo

Figura 28



Foto: Elizete Romanini

#### 4.3.5 - Árvores

Figura 29



Fonte: Reprodução

**Grinalda ou guirlanda** – representa a vitória ou o resgate da alma em sofrimento. A grinalda de louro é normalmente encontrada sobre túmulos de pessoas que atingiram destaque na carreira militar.

**Palma:** simboliza a glória, a vitória celestial, representando o êxito sobre a morte.

**Árvores:** Simbolizam a vida. O amor divino que abriga a todos. Uma árvore cortada simboliza a morte precoce, assim como uma árvore brotando representa o renascimento, a vida eterna.



#### 4.3.6 - Cachorro

Figura 30



Foto: Carlos Henrique Melo

**Cachorro:** representa o companheirismo, a lealdade e fidelidade.

#### 4.3.7 - Coroa de espinhos

Figura 31



Foto: Carlos Henrique Melo

**Coroa de espinhos** – representa o sofrimento e a obediência aos desígnios de Deus.

#### 4.3.8 - Santos

Figura 32



Foto: Carlos Henrique Melo

**Santos** – Simbolizam a devoção do ser ali sepultado, relacionada à imagem colocada sobre o túmulo, representando a proteção da alma pelo santo devotado.

### 4.3.9 - Coroa

Figura 33



Foto: Elizete Romanini

**Coroa:** pode aparecer sob diversas formas, inclusive como atributo de diversos santos, representando a vitória e a soberba. O triunfo sobre a morte através da ressurreição.

### 4.3.10 - Vaso: existem algumas formas de se utilizar este símbolo.

Figura 34



Foto: Carlos Henrique Melo

**O vaso vazio:** representa o corpo sem alma.

Figura 35



Foto: Carlos Henrique Melo

**O vaso com lírio:** representa a anunciação (mensagem do Anjo Gabriel à Maria sobre o mistério da encarnação).

#### 4.3.11 - Mausoléu

*Figura 36*

**Mausoléu:** simboliza a magnitude, a grandeza e o luxo.



Foto: Elizete Romanini

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas aplicadas (ver anexo 4) no interior e no ambiente externo do cemitério municipal de São José dos Campos Padre Rodolfo Komórek, comprovamos ser verdadeira a hipótese de que as pessoas idosas são as maiores frequentadoras do cemitério em relação às mais jovens, iniciando esse hábito a partir de uma certa idade, por perceberem o fato de que a morte está se aproximando. Mesmo tendo preconceito quanto ao espaço do cemitério, os jovens demonstram curiosidade e interesse em conhecer os significados dos objetos e símbolos tumulares, até então não questionados ou compreendidos, conforme afirma Simone Menezes em sua entrevista “(...) *acho que até seria muito legal saber o que cada símbolo significa. Tipo assim... deve ser até muito interessante... eu não sei o que aquele monte de coisas significam (sic)*”.

A maioria dos frequentadores do cemitério municipal de São José dos Campos o faz por terem parentes ali sepultados, o que vem a confirmar mais uma hipótese.

Uma boa parte da população, baseando-se no total de entrevistados, ou seja, tanto os que frequentam como os que não frequentam o cemitério, notam que existe uma representação arquitetônica e objetos tumulares, mas não o percebem sob o prisma artístico, apenas como um lugar triste, sombrio que representa o fim, confirmando mais uma hipótese. Além disso, não têm conhecimento sobre os verdadeiros significados dos símbolos tumulares, como demonstrado por uma das entrevistadas, Lúbia Andrade de Melo “(...) *cada coisa significa uma coisa? Nunca pensei nisso... interessante...*”

Conforme discutido nos capítulos anteriores e observando o objeto de estudo, o cemitério municipal Padre Rodolfo Komórek, de São José dos Campos, é um espaço que tem em seu interior representações de todas as religiões, desigualdades sociais e política, mas também é um espaço de poesia, de pintura e de esculturas reveladas a partir de sua arquitetura e objetos tumulares. Percebemos essas diferenças na suntuosidade arquitetônica de alguns túmulos localizados na área central privilegiada do cemitério, e na simplicidade de sua periferia, refletindo as diferenças sociais encontradas fora deste espaço.

As pessoas, mesmo percebendo o cemitério como um lugar que abriga várias obras de arte e simbologias curiosas, têm como principal motivo de suas visitas os parentes ali sepultados, deixando para segundo plano a observação artística. Acredita-se que ao divulgar o cemitério sob o prisma artístico, certamente as visitas aumentariam e haveria uma mudança na cultura social da cidade, tornando a pesquisa história patrimonial mais acessível, como já ocorrem em alguns cemitérios da capital. As administrações destes cemitérios promovem visitas monitoradas para que as pessoas conheçam verdadeiras obras arquitetônicas erigidas por artistas consagrados no século passado, como as estátuas de Victor Brecheret e túmulos de ocupantes ilustres.

Nem só de tristeza e saudade se faz um cemitério, mas também de história e arte dos objetos tumulares e de obras arquitetônicas.

A receptividade e curiosidade por parte de quem participou direta e indiretamente deste trabalho, nos levou a acreditar no sucesso deste Trabalho de Conclusão de Curso.

## BIBLIOGRAFIA

- ACKAOUI**, Malaka. *Le cimetièrre du Mont Royal: um jardim pour lês vivants*. IN:Frontières, vol,3,hiver,1995.pp.47-9.
- ARANHA**, Maria Lucia de Arruda & **MARTINS**, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 3ª Edição. Editora Moderna, São Paulo, 2000.
- ARANHA**, Maria Lúcia de Arruda & **MARTINS**, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. 2ª Edição. Ed. Moderna, São Paulo,1992.
- ARIÉS**, Philippe.*História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1977.
- AYALA**, Fausto Aníbal Aguilera. *Glossário Técnico del Sector Funerário*. Quito, 2002.
- BELLOMO**, Harry (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS,2000.
- BENDER**, Thomas. *The rural cemetery movement: Urban travail and the appel of nature*". IN: The New England Quaterly,47,1974.pp.196-211.
- BOEMER**, Magali R. *A Morte e o Morrer*. 2ª Edição. Cortez Editora, São Paulo, 1989.
- BONDESAN**, Altino. *São José dos Campos em quatro tempos*. Industria Gráfica Bentivegna Editora LTDA. São Paulo, 1967.
- BORGES**, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- BOSI**, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 3ª Edição. Cia das Letras, São Paulo, 1994.
- BROWN**, Norman O. *Vida contra Morte*. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1972.
- CAMPOS**, Adalgisa Arantes. *Rituais Solenes na Cultura Barroca: o Ideário da Morte e Liturgia*.(Tese doutorado). (Fafich/UFMG).
- CARDOSO**, Airton André Gandon et al. *Cemitérios e Igrejas de origem Ítalo-Brasileira na Colônia de Sananduva*. In Raízes de Sananduva.Porto Alegre: EST,2004.
- CARDOSO**, Airton André Gandon. *Cemitérios de Porto Alegre e São Paulo: Arte,*

- Sociedade e Ideologia das décadas de 1930 e 40*. Monografia de Especialização em História do Brasil FAPA/RS. Porto Alegre, 2004.
- CERAM, C. W.** *Deuses, Túmulos e Sábios*. 7ª Edição. Tradução: João Távora. Ed. Melhoramentos. São Paulo, Agosto de 1958.
- CHARTIER, Roger.** *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHIAVENATO, Julio José.** *A Morte – uma abordagem sócio cultural*. 1ª Edição. Ed. Moderna, São Paulo, 1998.
- CLASSICAL ARCHITETURE.** *An Introduction to its Vocabulary and Essentials*, with a select Glossary of terms. London: Batsford, 2001.
- CRISTOPHER, A J.** *Segregation and cemeteries in Port Elizabeth: South Africa*. IN: Geographical Journal, vol.161, 1, março, 1995. pp.38-46.
- CURL, James Stevens.** *A Celebration of Death*. London: Batsford, 1993
- DOWNING, Jackson.** *Public cemeteries and public gardens*. In: The Horticulturist, IV, 10. 1852.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Walter.** *Estatuária e Ideologia*. Porto Alegre:: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- DULLIUS, Werner Mabilde.** **Cemitérios das Colônias Alemãs no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole, 1985.
- ECO, Umberto.** *A Estrutura Ausente*. Ed. Perspectiva, 1971.
- EPSTEIN, Isaac.** *O Signo*. Série Princípios - 2ª Edição .Editora Ática, São Paulo, 1986
- FLORENCE, Robert.** *New Orleans Cemeteries: Life in the Cities of the Dead* (1997)
- FRANCAVIGLIA, Richard V.** *The cemetery as an evolving cultural landscape*. IN: Annals of the Association of American Geographers, 61, 1971. pp.501-7.
- FORGANES, Rosely.** *Os Mortos que nunca descansam*. In: *Caminhos da Terra*. 71ª Edição. Ed. Azul, São Paulo, Março 1998: 66-71.
- KASTENBAUM, Robert & AISENBERG, Ruth.** *Psicologia da Morte*. Tradução: Adelaide Petters Lessa - Edição Concisa – EDUSP, São Paulo, 1983.
- KOVACS, Maria Julia.** *Morte e Desenvolvimento Humano*. Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo, 1992.

- KOK**, Glória. *Os vivos e os mortos na América Portuguesa - DA Antropofagia à água do batismo*. Campinas: UNICAMP, 2001.(183p).
- KOTHE**, Flavio R. *A Alegoria*. São Paulo: Ática,1986.
- KOURY**, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção. o Brasil urbano sob a ótica do luto*.Petrópolis: Vozes, 2003.
- KOURY**, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). *Imagem e Memória*. Ensaio em Antropologia Visual.Rio de Janeiro: Garamond, 2001.Um abraço, M. Elizia.
- KOURY**, Mauro Guilherme Pinheiro. *Uma fotografia desbotada: atitudes e rituais do luto e o objeto fotográfico*. João Pessoa, Manufatura/GREM (Série Cadernos do GREM nº 02), 2002.
- JUNIOR**, Age, *São José dos Campos e sua história*. Quarta Edição. Offset Cópia Ltda. Indústria Gráfica, São Paulo, 1978.
- LANGALDE**, Vincent de. *Ésoterisme, Médiuns, Spirites du Père Lachaise*. Paris: Vermet, Collection Cimetières de Paris et d'ailleurs, 1990.
- LEMIEUX**, Raymond. *L'Écriture du cimetière*. IN: Cahiers de recherche em Sciences de la Religion, vol, 6, 1984.pp.253-53.
- LINDEN-WARD**,Blanche. *Strange but genteel pleasure grounds: Tourist and leisure uses of nineteenth-century rural cemeteries*.IN:MEYER,Richard E. (ed). "Cemeteries and gravemakers:voices of American culture".IN:Ann Arbor.UMI Press,1989.pp.322-3.
- LINDEN-WARD**.*Tel L'Eden avant la chute: les cimetières de Montréal dans le contexte du mouvement des cimetières ruraux de L'Amérique du Nord*. IN: Frontières,v.VII,3,hiver,1995.pp.5-17.
- LOUREIRO**, Maria Amélia Salgado. *Como nasceu o serviço funerário*. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município, 1977.
- LOUREIRO**, Maria Amélia Salgado. *Origem Histórica dos Cemitérios*. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município, 1977.
- MAPPIN**, Charles. *The evolution of Montreal's cemetery space from 1642 to the present: School of urban planning: McGill University, 1995*.
- MONDOU**, Simon. *The first catholic cemeteries of Montreal and a guide to the present cemetery*. Montreal: E.Senecal et fils, 1887
- MORIN**, Edgar. *O Homem e a Morte. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1997*.



- PETIT**, Emmanuelle. *Les cimetières du Mont-Royal: pratiques, significations et expériences des lieux*. Département de Géographie: Université de Montréal et Université Joseph-Fourier, Grenoble.1996.
- PRICE**,L.W. *Some results and implications of a Cemetery Study*. IN:The Professional Geographer,v.18,94,1996.pp.201-7.
- QUEIRÓS**, José Francisco Ferreira. *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista no Norte de Portugal*. (Tese de Doutorado). Porto: FLUP (FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO).
- REZENDE**,Eduardo Coelho Morgado. *Metrópole da Morte Necropole da Vida: Um Estudo Geográfico sobre o Cemitério de Vila Formosa*. São Paulo: Carthago, 2004.(114p)
- REIS**, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil século XX*. Cia das Letras, São Paulo, 1998.
- SANTAELLA**, Lucia. *Semiótica Aplicada*. Pioneira Thomson Learning , São Paulo, 2002.
- SANTAELLA**, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos*. Editorara Pioneira , São Paulo, 2000.
- SANTAELLA**, Lucia. *O que é Semiótica*. Coleção Primeiros Passos (103), 1º Edição. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1983.
- SANTAELLA**, Lúcia & NOTH, Winfried. *Imagem – Cognição, Semiótica, Mídia*. 3ª Edição. Ed. Iluminuras, São Paulo, 2001.
- SCHMITZ**, Serge. *Apport de la Géographie à la gestion de cimetières: Evolution de la consommation de l'espace par le cimetière en région liégeoise*. Mémoire de licence en sciences géographiques. Liège: Université de Liège, 1993.242p.
- SIQUEIRA**, Jair César. *Nossa Cidade de São José dos Campos*. Fundação Cultural Cassiano Ricardo. SJCampos, 1991.
- SLOANE**, David Charles. *The Last Great Necessity: Cemeteries in American History* Ed. Johns Hopkins University Press, 1991.
- SOUZA**, Ana Maria Santos – SOARES, Luiz Laerte. *Modernidade e Urbanismo Sanitário São José dos Campos*. Editora Papercrom, 2002.

**VAILATI**, Luiz Lima. *A Morte Menina: Práticas e Representações da Morte Infantil no Brasil dos Oitocentos* (São Paulo e Rio de Janeiro). São Paulo, USP Tese (Doutorado), 2005.

**VALLAVARES**, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros – Um estudo da arte cemiterial de igrejas a catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas realizado no período de 1960 a 1970*. Editado pelo Conselho Federal da Cultura MEC - Rio de Janeiro – Vol I e II, 1972.

**VALERO TÉVAR**, M.A., 1999: *La necrópolis tumular de la Punta del Barrionuevo*, Iniesta, Cuenca, Primeras Jornadas de Arqueología Ibérica en Castilla- La Mancha (Iniesta, Cuenca 1997), Toledo, 181-208.

**VILLOCH VÁZQUEZ**, V.- (1995): *Análisis de emplazamiento tumular en Galicia: el caso de la necrópolis de Saídos das Rozas* (Campolameiro, Pontevedra)". Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo 1993), I. Vigo, 1995, pp. 373-378.

**VOVELLE**, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

**WOLFF**, Egon. *Sepulturas de Israelitas – Uma Pesquisa em mais de Trinta Cemitérios não Israelitas*. Cemitério Comunal Israelita, Rio de Janeiro, 1983.

**ZILLES**, Urbano. *A significação dos Símbolos Cristãos*. Porto Alegre: EDIPUC/RS, 1996.

#### **Revistas:**

**CONHEÇA O PADRE RODOLFO** “*O Padre Santo*” – números: 12,17 e 18. Arte Brasil Publicidade Ltda. Editora Salesiana Dom Bosco e da Arte Brasil publicidade Ltda. Campinas, São Paulo, 1999.

**CESCO**, Nelly de Toledo – *Documentário da exumação do Venerável Padre Rodolfo Komórek, Homenagem ao cinquentenário de sua morte, 1949 - 1999*. Gráfica Sagrada Família – São José dos Campos – SP

**NATURE**. Artigo: *Metapopulation dynamics of bubonic plague*. Autor: KEELING M.J. & GILLIGAN, C.A. p. 903 – 906, Vol.407, 19/10/2000.

**MUNDO ESTRANHO**. Artigo: *O cemitério mais pop do mundo*. Autor: Cíntia Cristina da Silva – p.34, edição 31, Editora Abril, 09/2004.

**PRESENÇA ESPÍRITA.** Artigo: *Surgimento da Mediunidade e sua influência na história.* Autor: Djalma Argollo. Ed. Leal, Livraria Espírita Alvorada. Edição Jan/ Fev 1986.

**SUPERINTERESSANTE.** Artigo *Morte.* Autor: Maria Fernanda Vomero. Ed. Abril Cultural, nº 174, São Paulo, Fevereiro de 2002.

**Jornais:**

**INFORMATIVO PAROQUIAL SAGRADA FAMÍLIA** - Pastoral da Comunicação – JAC Gráfica e Editora – São Paulo - SP

Edições: Agosto, 2003; Outubro, 2003; Fevereiro, 2004; Dezembro, 2004; Janeiro, 2005; Fevereiro, 2005; Abril, 2005.

**JORNAL CORREIO JOSEENSE,** número 1907, 07/04/1963, São José dos Campos – Artigo (Napoleão Monteiro).

**VALE PARAIBANO.** 21/09/1986. Arquivo Público do Município de SJC.

**VALE PARAIBANO.** 03/07/1987. Arquivo Público do Município de SJC.

**VALE PARAIBANO.** 27/12/1988. Arquivo Público do Município de SJC.

**VALE PARAIBANO.** 17/07/1991. Arquivo Público do Município de SJC.

**VALE PARAIBANO.** 21/09/1993. Arquivo Público do Município de SJC.

**Documentários:**

**MARAVILHAS MODERNAS.** Tema: *Cemitérios.* History Channel. Exibido no dia 10/05/2005 às 20hs.

**Documentos:**

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Capela de São Miguel Arcanjo. Largo de São Miguel, 66.* Inscrição Imobiliária (Paço Municipal): 10014008014 / 10014008022

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Capela de São Miguel. Jornal “O Caixeiro”* DPC/FCCR – 1994.

30/03/1905 - nº18

29/06/1905 - nº30

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Capela de São Miguel. Geraldo Marcondes Cabral.* DPC/FCCR, 1994.

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Capela de São Miguel. Hemeroteca.* DPC/FCCR – 1994.

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Capela de São Miguel. Bernardo Sampaio / Livro Ata da Conferência dos Vicentinos.* DPC/FCCR, 1994.

30/06/1946

07/07/1946

08/09/1946

15/09/1946

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Livro de Registro de Posturas*

19/05/1862

07/10/1882 - f.13

15/10/1882 - f.14

05/11/1882 - f.15

26/12/1882 - f.18

10/07/1883 - f.35

30/08/1883 - f.37

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Livro de Registros de Recibos,* 1879.

29/08/1880 - f.40

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Livro de Registro de Recibos das Despesas da Câmara Municipal,* 1882 – 1885.

13/08/1882 - f.5

24/07/1884 - f.72

23/09/1884 - f.87

27/09/1884 - f.87

02/11/1884 - f.94

16/11/1884 - f.96

17/11/1884 - f.96

30/11/1884 - f.98

21/01/1885 - f.104

01/03/1885 - f.111

01/09/1885 - f.130

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Livro de Registro de Recibos*, 1888 – 1890.

16/06/1889

30/09/1889

28/10/1889

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Livro Razão*, 1896.

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Livro de Registros de Termos de Finança e Contrato*, 1891 – 1892.

10/12/1897

**ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SJC.** *Livro de Registro de Recibos*, 1897.

04/01/1898

**Sites:**

**<http://www.espírito.org.br/portal/artigos/fep/a-vida-e-a-morte.html>.** *A Vida e a Morte*. Autor: José Lucas. Acesso 22/02/2005.

**<http://www.espaçoacademico.com.br/030/30epotoko.htm>.** *A Morte*. Autor: Carlos Alberto Potoko. Acesso em 22/ 02/ 2005.

**<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/comportamento/ult561u51.shtml>**  
*Saiba como a morte é encarada por diversas religiões*. Setembro, 2001. Acesso em 07/04/2005.

**<http://www.cpdoc.fgy.br/revista/arq/156.pdf>.** *Entre a Nação e a Alma: quando os mortos são comemorados*. Regina Abreu. Acesso em 23/05/2005.

<http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/sobremorte.htm>. Textos compilados do livro ARANHA, Maria Lúcia Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires *Temas de filosofia*. São Paulo: moderna, 1992 por Milton Miron. Acesso em 24/05/2005.

<http://www.terra.com.br/mulher/decoracao/2002/03/19/000.htm> A influência energética dos vizinhos. Autor Franco Guizzetti. Acesso em 02/06/2005

<http://www.aultimaarcadenoe.com/biologia2d.htm>. - *Costumes Egípcios*. Acesso em 02/06/2005

<http://www.cacp.org.br/Cremacao.htm>. *Creumar ou não creumar?* Autor: Pe. João Flávio Martinez. Acesso em 02/06/2005

<http://www.fiocruz.br/ccs/glossario/peste.htm>. *Glossário de doenças - Peste*. Autor: Pablo Ferreira. Acesso em 03/06/2005

[http://www1.uol.com.br/fof/brasil500/dc\\_6\\_1.htm](http://www1.uol.com.br/fof/brasil500/dc_6_1.htm) *Pisando os Astros*. Autor: José Murilo de Carvalho. Acesso em 03/06/2005

<http://www.obito.com.br/global/Imprimir.asp?id=245> - *O Cemitério no Brasil*. Autor Edmar da Silva. Acesso em 03/06/2005

<http://www.junior.te.pt/servlets/Bairro?P=Sabias&ID=321>. *México - Festa dos Mortos*. Acesso em 05/06/2005.

[http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./indios/index.html&cont\\_eudo=./indios/artigos/indios.html](http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./indios/index.html&cont_eudo=./indios/artigos/indios.html). *Índios da Amazonia*. Acesso em 05/06/2005.

[http://marieclaire.globo.com/edic/ed103/rep\\_luto4.htm](http://marieclaire.globo.com/edic/ed103/rep_luto4.htm). *Rituais e crenças - Índios Bororo*. Manuela Minns. Acesso em 05/06/2005.

[http://paginas.terra.com.br/arte/spectrumgothic/goticismo/acervo\\_cemiterial/simbologia.htm](http://paginas.terra.com.br/arte/spectrumgothic/goticismo/acervo_cemiterial/simbologia.htm) - *Simbologia cemiterial* – acesso em 12/08/2005;

## **ANEXOS**

ANEXO I



O quadro *Triunfo da morte* (1562), do pintor belga Peter Bruegel (1525-1569), retrata o horror que a peste negra causou na Europa .



## ANEXO II

Texto copilado do livro: São José dos Campos e sua história. (JUNIOR, 1978)

“Lamentamos o extravio de toda a documentação da nossa igreja Matriz, referente ao período de sua fundação, até 17 de junho de 1890. O pouco que sabemos, foi conseguido em documentos esparsos, referências em livros históricos e na Cúria Metropolitana de São Paulo.

O Livro de Tombo existente em nosso templo da Praça João Pessoa, data de 18 de junho de 1890. E nada nos ofereceu para restaurarmos a sua história, o que contribuiria e muito, para a história de São José dos Campos.

Vamos reproduzir aqui, as páginas 1 e 2, para nós as mais importantes desse novo livro do Tombo da nossa Igreja Matriz ( ... )

( ... ) Cópia de 1 ofício do Revmo. Vigário da Vara de Jacarehy.

*Para dar cumprimento à circular do Exmo. E Revmo. Snr. Bispo Diocesano, recebido hontem com data de 1º do corrente mez, e faz preciso que V. Revma. Informe com urgência os quesitos seguinte: - 1º Quantas capellas existem em sua parochia, sua invocação, se tem patrimônio no caso affirmativo, certidão do mesmo, e se pertence ás mesmas capellas, e se foi doado á Câmara Municipal? – 2º se há curato em sua parochia? – 3º se há Capellas que obtiverão provisão quinzenal, qual data desta provisão? – 4º se existe algum Sacerdote em sua parochia, sua nacionalidade e sua ocupação? – 5º se há nas fazendas oratório publico em que se celebre o Santo Sacrifício da Missa e se o mesmo tem provisão quinzenal, qual a data desta? – Jacarehy, 1 de Outubro de 1890. O Vigário da Vara, José Bento de Andrade.*

Resposta: *\_ Ilmo. E Revmo. Snr. Dando cumprimento ao que V. Revma. De mim exige, na circular de 9 de Outubro próximo passado, só agora posso informar a V. Revma. Sobre os cinco quesitos me impostos: - 1º Existem nesta Parochia as seguintes*

*Capellas: São Benedito, Santa Anna, São Miguel, Bom Jesus do Buquira, São Francisco Xavier do Rio do Peixe, Nossa Senhora da Piedade, Santa Cruz da Boa Vista e Senhora da Ajuda; 2º Não há curado. 3º A Capella de São Benedito tem oprovisão quinquenal de 5 de outubro de 1888, e Santa Cruz de Boa Vista provida quinquenalmente a 14 de Abril de 1885. 4º Existe um Sacerdote nesta Parochia o qual vive de seu ministério. 5º Não há oratório público provido em alguma das fazendas. Certifico que existem archivados nos papéis da Fábrica desta Matriz, os seguintes documentos de doação: 3 títulos de terrenos doados a Capella de São Francisco Xavier do Rio do Peixe, 1 título de doação, de terreno da Capella de São Benedit, cópia de um documento de doação feito em 1776, relativo aos campos de Tatetuba, não se encontrarão documentos relativos ás terras do Serrote, que desde o principio pertenciam á Fábrica desta Matriz, como é público e notório. São José dos Campos, 7 de novembro de 1890. O Vigário, Cônego Francisco de Oliveira Lima.*

Nada mais se encontra nesse livro do Tombo que mereça destaque” (pp.148 – 151)

### ANEXO III

#### Fotos da exumação do Padre Rodolfo Komórek



Foto 01: Caixa de madeira forrada com cetim azul



Foto 02: Retirada dos ladrilhos que cobriam o túmulo

Foto 03: Ripas de madeira do caixão do Padre Rodolfo Komórek



Foto 04: O cabelo é retirado da terra.



Foto 05: Cuidadosamente o cabelo é colocado na caixa.



Foto 06: Pareciam ossos recentes



Foto 07: Osso da perna



Foto 08: Com luvas brancas a legista examina um osso



Foto 09: Sobre o lençol de linho, um dos ossos do Padre. Rodolfo Komórek



Foto 10: Ossos da perna

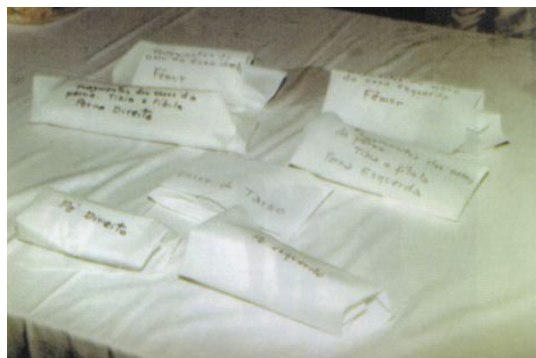


Foto 11: Fragmentos dos ossos dos pés



Foto 12: Restos mortais do Pe. Rodolfo sobre a mesa da Casa de Relíquias

Foto 13: Juramento de testemunha

Foto 15: Eu, coveiro, juro e prometo cumprir fielmente meu encargo no reconhecimento dos restos mortais do Venerável Pe. Rodolfo Komórek sacerdote salesiano. Assim me ajudem Deus e estes Santos Evangelhos que toco em minhas mãos



Foto 16: Dom João Corso lacra o caixão, minutos antes de ser tumulado.

Foto 17: Altar da Casa das Relíquias, e à frente, o novo túmulo.

#### ANEXO IV

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Elaine Cristina Tomás de Jesus

02- Elaine Cristina Tomás de Jesus, 29 anos.

**01- Com qual frequência você visita o cemitério?**

02- É raro. Hoje eu trouxe para as meninas virem nos túmulos dos tios.

**01- Mas qual o motivo real destas visitas?**

02- Pra vê como qui tá o cuidado com o jazigo da família.

**01- Ah ta...então você vem por causa da família mesmo?...**

02- Por causa da família mesmo.

**01- Você já parou para observar as esculturas e símbolos dos túmulos?**

02- Já. É isso o que eu vou fazer com elas agora. Levar um ali que tem uma hélice.

**01- Ah é?...**

02- Isso...

**01- É...assim... dos símbolos que mais chamaram atenção aqui dentro do cemitério, cite alguns...**

02- Então... é... tem esse da hélice, tem um outro que tem uma bandeira em cima que é de soldado de guerra ou outra coisa assim, do Padre Rodolfo, então...

**01- E você conhece o significado desses símbolos tumulares que tem no cemitério?**

**Por exemplo o vaso, o vaso vazio, uma cruz diferente da outra... você sabe os significados?**

02- Não... raros eu sei..

**01- E teria curiosidade em conhecer estes significados?**

02 – Ah... acho que se alguém falasse seria muito legal né, porque as pessoas.... a maioria delas não sabe direito né...

**01- Ah é?... E na sua concepção, o que o cemitério representa? Na sua vida, numa cidade... o que que ele representa? Qual a imagem que ele passa pra você?**

02-Ah... um lugar de tranquilidade, de paz... um lugar que ce num tem muita preocupação com o tempo...

**01- Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em outras cidades ou Países?**

02- Olha... até sim... Se eu tivesse oportunidade sim.

**01- É?...**

02- Isso.

**01- E tem interesse em conhecer os símbolos tumulares?**

02- Tenho interesse sim. Se tivesse oportunidade de conhecer todos eles sim.

**01- Muito obrigada...**

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4ª anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Irene Barão Oliveira

**01- O seu nome e sua idade?**

02- Irene Barão Oliveira.

**01- E a sua idade?**

02- 79.

**01- Com qual frequência a senhora visita o cemitério?**

02- Uma vez por mês.

**01- Uma vez por mês?**

02- É... que eu venho pagar uma senhora que toma conta, mas ela não está aí hoje, então eu mesmo vou plantá. (risos)

**01- E a senhora vem por causa do túmulo da família?**

02- É... túmulo da família.

**01- A senhora já parou para observar as esculturas e os símbolos tumulares que existem no cemitério?**

02- Olha, quase eu não ando. Eu venho aqui e daqui eu já vou embora. É difícil eu dar uma volta dentro do cemitério. Só venho até aqui e depois volto direto pra casa.

**01- Mas não tem interesse em conhecer os símbolos?**

02- Não.

**01- Nem os significados?**

02- Nem... às vezes eu vejo assim em volta né... por exemplo ali tem um violão, outro lugar tem uma hélice de avião ou di num sei di que né... aí fico pensando daquele di lá deve ser músico e o outro devia ser aviador. Mas num interesse muito pra saber dos túmulos não...

**01- Não?...**

02- Outras coisa muito mais interessante pra gente vê...(risos)

**01- E o cemitério como uma imagem. O que ele representa para a Senhora? Ele representa um local “o que” pra senhora?**



02- Ah... é o fim né... é o fim né mesmo? É o fim da vida... é o fim de tudo... Pra mim tanto faz se é bonito como feio. Interrou os meus parentes aqui. Venho visitá-los mais num tem nada especial...(risos)

**01- Ah é?... Então não é um lugar assim...**

02- Não...

**01- Não é um lugar que te atrai?**

02- Não é um lugar predileto que eu gosto de vim. Eu venho pra visitar o túmulo, pra ver se ta in órdi. Mas num significa nada isso aqui porque ta apenas o corpo. Significa a alma da gente, mas o corpo... tanto faz interrar num túmulo simples, num cemitério bonito, no mar... pra mim é uma coisa só...(risos)

**01- A senhora visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em outras cidades ou Países?**

02- Não... nunca me interessei por vê cemitério não.

**01- Muito obrigada...**

02- De nada...

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Carlos Nascimento

**01- Eu preciso que o senhor diga o seu nome e sua idade.**

02- Carlos Nascimento, 48 anos.

**01- Com qual frequência o senhor visita o cemitério?**

02- Eu venho... uma vez por semana...

**01- Uma vez por semana... mas qual o motivo real de sua visita?]**

02- Eu venho acender vela para as almas.

**01- Para as almas...?**

02- Isso.

**01- Você tem parentes enterrados aqui nesse cemitério?**

02- Não... não... não tenho.

**01- Você já parou para observar as esculturas e os símbolos dos túmulos?**

02- Já.

**01- Fale um pouco sobre esses símbolos...**

02- Ah... eu acho interessante o... a arquitetura que cada túmulo tem, o espaço utilizado para a... os túmulos né...

**01- Hum...hum...**

02- E aliás existem túmulos que até pra você ter acesso... na hora do sepultamento eu acho que deve ser uma dificuldade né, porque num tem nem espaço pra pessoa andar entre os túmulos né...

**01- hum...hum...**

02- Mas a nível da arquitetura deles, o tamanho acho que é interessante.

**01- E você conhece o significado de cada túmulo ou de alguns túmulos desse cemitério ou não?**

02- De alguns sim, daqueles que são de religião israelense, é... no caso de judeus né, aqueles que são árabes, japoneses, é... italianos, por exemplo é são aquelas esculturas

assim, aqueles túmulos bem altos, bem grandes com certeza pode ver é de descendência italiana né... é nisso que agente normalmente olha...

**01- E nesses que você não tem conhecimento do significado, tem interesse em saber o significado?**

02- Sim...lógico...

**01- Na sua concepção, o que o cemitério representa na sua vida? Ou numa cidade...?**

02- Bom... na verdade... representa todo um passado né...aqui, com certeza estão sepultadas as pessoas que ergueram esta cidade né... então eu acho que por isso que tem que ter um tratamento da prefeitura, um local limpo, um local de acesso às pessoas né... e um lugar de visitação, inclusive né... e até como curiosidade é as placas, as pessoas que estão sepultadas, etc...e...é isso...

**01- Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em outras cidades ou países?**

02- Com certeza. Inclusive já estive nos Estados Unidos e fui conhecer o túmulo de John Kennedy né...

**01- Ah...legal!...**

02- É muito bonito, quer dizer... lá a lápida deles é assim, a nível de cultura, é nos Estados Unidos, dificilmente os cemitérios são como estes túmulos é... essas arquiteturas... são todos no chão. Simplesmente um crucifixo no chão e a parte de grama e as lápidas e mais nada...

**01- Hum...hum...muito obrigada!**

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Osvaldo Barbosa

02- Osvaldo Barbosa, 60 anos.

**01- Com qual frequência o senhor visita o cemitério?**

02- Pelo menos uma vez por mês.

**01- Uma vez por mês...**

02- Além das datas específicas né...

**01- Hum... Qual o motivo real da sua visita?**

02- Olha...apesar de eu não ter assim uma crença filosófica a respeito de reencarnação e esse negócio todo, é mais a respeito... a própria pessoa que se foi e a família também sabe porque, embora... eu particularmente não respeito muito, mas tem meus familiares que respeitam muito... então em relação a eles, quer queira, quer não, o lugar que você vem é um lugar de reflexão né... você tem um pouco de paz...

**01- Claro...**

02- Que mais?

**01- O senhor tem parentes enterrados aqui?**

02- Vários! Desde bisavô viu...

**01- Nossa!...**

02- É... verdade...cujo...cujo, se não me falha a memória, foi o primeiro administrador desse cemitério... o meu avô... é...

**01- Hum... então tem história na família... (risos) É... e o senhor já parou para observar as esculturas e os símbolos dos túmulos?**

02- Alguns viu... algumas lápides eu procuro, inclusive uma curiosidade que eu tenho é de ver a idade que as pessoas falecem né... algumas eu tenho... eu tenho curiosidade sim...

**01- E você tem o...o...a vontade de conhecer o significado de cada símbolo tumular?**

02- Gostaria sim...Porque não? Gostaria...

**01- Na sua concepção, o que o cemitério representa na sua vida, ou numa cidade?**

**O que ele representa para o senhor?**

02- Boa pergunta... o que que o cemitério representa...Olha,,a,, se você olhar o lado...o lado religioso, que agente é composto de carne e alma né... chega um determinado momento na sua vida que você tem que dar destino a este corpo né. Então a destinação que ta aqui, segundo os entendidos é só corpo. Ta certo? Então por isso é que tem pessoas que não vêm ao cemitério. Não há necessidade! Você pode num cantinho da sua casa, dentro do seu carro, as pessoas que acreditam que tem alma depois do mundo né, uma outra vida, mais é friamente você falando, o que que é? Os restos mortais, os despojo né, a carcaça que ta aqui. Então é essa a finalidade né...do cemitério...

**01- E você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em outras cidades ou outros países?**

02- Olha... quando eu viajo... quando eu tenho tempo, duas coisas que eu visito são igrejas né, museu, é... pontos turísticos, cemitérios, por exemplo o cemitério da Consolação... não sei se você conhece, é um lugar lindo pra você fazer esse trabalho seu aí entendeu? Lá, inclusive é... poderíamos até sugerir aqui... aqui tem poucas pessoas, mas lá você tem um mapa das pessoas onde estão enterradas, visitação né... cemitério da consolação... Mas visito... normalmente visito sim...

**01- Muito obrigada...**

02- De nada...

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Flávia Braga – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Lúcio

Idade: 46 anos

**01 - Com qual frequência você visita o cemitério?**

02 - Primeira vez que venho hoje, só venho quando falece alguém da família, hoje eu vim rezar um pouco.

**01 - Você já parou para observar as esculturas e os símbolos dos túmulos? Fale um pouco sobre o assunto...**

02 - Não, não, este detalhe não, nunca reparei nisto...

**01 - Você conhece os significados desses símbolos tumulares?**

02 - Também não...

**01 - Teria algum interesse em conhecer?**

02 - Sim, teria sim

**01 - Na sua concepção, o que o cemitério representa?**

02 - Aqui eu sinto um pouco de paz...

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Acho que sim

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Flávia Braga – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Miguel Benedito de Oliveira

Idade: 62 anos

**01 - Com qual frequência você visita o cemitério?**

02 - Ah! Sim, eu venho porque eu gosto, gosto de passear, quando eu to aqui eu to feliz.

**01 - Você já parou para observar as esculturas e os símbolos dos túmulos?**

02 - Muito, tenho... tenho parado sim...

**01 - Você sabe o significado desses símbolos?**

02 - Ele faz agente lembrar muitas coisas, né... é porque, igual, eu aqui nesse cemitério tenho muitos parentes, muitos colegas aqui, nossa, quando venho aqui me alembro, fico feliz da vida quando venho aqui...

**01 - Cite alguns desses símbolos?**

02 - O anjo, a cruz, acho que é isso, né?

**01 - Você sabe o que cada símbolo utilizado nos túmulos representa?**

02 - Ah, eu num sei não. Alguns agente até sabe né... a cruz que é a morte né... o anjo que é a alma eu acho...

**01 – E se você tivesse a oportunidade de conhecer o significado dos símbolos, você se interessaria?**

02 – Ah... daí sim né... é bem legal vê que alguém estuda tudo isso aí né... daí ensina nós né...

**01 – O que o cemitério representa?**

02 – É o fim né... é a realidade....

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - É, assim, se o tempo desse eu gostaria de ver...

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Flávia Braga – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Francisco Marcos da Silva

Idade: 22 anos

**01 - Com qual frequência você visita o cemitério?**

02 - Sempre, fim de semana assim, eu vou, rezo, zelo, no túmulo do meu irmão, né, que eu visito... faz três anos já...

**01 - Mas antes, você tinha o hábito de vir ao cemitério?**

02 - Não, comecei depois que ele morreu mesmo....

**01 - Você já parou para observar as esculturas e os símbolos nos túmulos?**

02 - Sim, tem, inclusive tem um túmulo aí curioso, né... que tem um violão assim acho que o moço era guitarrista, tal, algo assim

**01 - Você conhece outros símbolos?**

02 - Ah meu, acho que cruz é um símbolo, né

**01 - Teria algum interesse em conhece-los melhor?**

02 - Claro, deve ser bem loco

**01 - Você conhece o significado desses símbolos tumulares?**

02 - Ah, eu, em alguns túmulos tem dedicatória daí a gente procura vê e se aprofunda um pouco mais...

**01 - O que o cemitério representa pra você?**

02 - Ah, um lugar de paz, né meu, descanso, é eu acho que é um lugar no meio da cidade assim tumultuada que você encontra paz, aqui dentro, assim...

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Visitaria sim meu...



**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Flávia Braga – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Maria Aparecida Conceição Moraes

Idade: 76 anos

**01- Com qual frequência você visita o cemitério?**

02 - Ah... todo mês, toda semana eu to aqui dentro... (risos) Eu venho visitar né?

**01 -Qual o motivo real da sua visita?**

02 - É, os meus parente que ta enterrado aqui.

**01 - Você já parou para observar as esculturas e os símbolos nos túmulos?**

02 - Não, não presto muita atenção não, eu venho depressa e saio logo.

**01 - Você conhece outros símbolos?**

02 - Não, não

**01 - Teria algum interesse em conhece-los melhor?**

02 - Não

**01 - Você conhece o significado desses símbolos tumulares?**

02 - Não conheço, não, não tenho não (risos)

**01 - O que o cemitério representa pra você?**

02 - Ah, representa o campo santo né, que é nossos entes queridos estão... (interrompeu rápido) não tão aqui mas agente ta lembrando sempre deles aqui.

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Agente podendo ir e tendo cemitério por perto agente vai

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Carlos Henrique – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Mariângela

**Idade:** (aparentemente 65 anos)

02 - A idade eu não conto porque sabe como é que é, depois vão dizer que eu sou muito velha e eu não sou ainda (risos) Então eu não vou contar minha idade ta bom? Eu me chamo Irmã Mariângela, todo mundo já me conhece porque à muitos anos eu faço o Programa Ave Maria no rádio, também porque há vinte anos que eu saio à noite para dar uma assistência né? Com a minha equipe dar uma assistência para os moradores de rua então é... agente é bem conhecida, né? E a cidade sabe até minha idade viu, se pensa... mas em todo caso viu.. vamo lá.

**01 - Com qual frequência você visita o cemitério?**

02 - Eu frequento praticamente todos os dias o cemitério porque eu tenho responsabilidade aqui dentro,né? Eu tenho os jazigos do Instituto, né, da minha congregação que eu que zelo por esses jazigos, eu que cuido mesmo dos enterros, das exumações das irmãs né? Enfim eu estou sempre presente e tenho muito carinho com nossos jazigos, porquê? Por que aquelas irmãs que lá estão, elas deixaram muita saudade, são irmãs que trabalharam, que se deram, que se gastaram pela igreja, então eu considero um carinho muito grande para com elas, então eu faço questão de que aquilo esteja sempre muito bonito, muito arrumadinho, florido né... e é isso daí... e também agente tem outras sepulturas que pertencem ao Instituto e que lá estão familiares das nossas irmãs, né? Então também agente zela por essas sepulturas aí que mais que ce queria saber?

**01 - Você já parou para observar as esculturas e os símbolos nos túmulos?**

02 - Bom, eu não fico “obdetendo” nas esculturas, mas o que acho o seguinte né... tudo lembra o quê?... a eternidade – o crucifixos né, agora mesmo agente está vendo um ali, bem em cima, né? Aqueles crucifixos lembram o sofrimento, lembra que Jesus morreu na cruz para nos salvar, mas lembra também que depois ele ressuscitou e que ele está reservando um lugar pra nós no céu, né? Ele venceu a morte e nós também vamos

vencer e depois lembra também que tudo não está acabado aqui com a morte né?... essas sepulturas aí parece que tudo acabou mas na realidade não acabou, o corpo está aí, ele se decompõe, ele vira pó, mas o importante é a alma, porque é a alma que rege o nosso corpo e a alma está na eternidade, todos estes que estão aqui, eles estão mais vivos do que nunca, porque eles já foram para a pátria verdadeira e nós estamos aqui peregrinando até que chegue o nosso dia,...então, o crucifixo que eu falei pra você, né? Tem a imagem de Nossa Senhora, tem vários aqui, a lá, agora mesmo tem uma Nossa Senhora de Fátima naquela capelinha bonitinha ali, lembra a presença de Maria na nossa vida, né? É essa mãe que vai nos acompanhar naquele momento precioso da nossa partida para o céu, tanto que agente reza “Ave Maria rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte” né? Depois que mais que você viu aí, tem aquele Jesus ali né? A sagrada passe, né de Jesus, então lembra o que é a paixão de Jesus, o sofrimento dele por nós, então as famílias que estão sofrendo com a saudade do seu entes queridos olhando para Jesus, olhando para Nossa Senhora, elas se sentem consoladas. O anjo por exemplo, de anjos são poucos os anjos também eles lembram o quê? Eles foram nossos guardas, nossos protetores, e cada um de nós tem seu anjo da guarda, então certamente lembra o anjo daquela pessoa que está ali. Também tem outro, São José, porque as pessoas gostam de colocar São José nos túmulos? Porque ele é padroeiro da boa morte, quando ele morreu, quem estava ao lado dele era Jesus né, Jesus e Maria, então ele foi feliz com a presença de Deus, com a presença de Jesus... São José também é o nosso protetor naquele momento...

**01 - O que o cemitério representa pra você?**

02 - Representa o desfecho desta vida aqui porque nós estamos de passagem né?

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Agente não tem tempo pra isso né? Primeiro, eu não vou visitar por turismo porque cemitério para mim não é ponto de turismo, é um lugar de reflexão, é um lugar de oração, é um lugar de meditação, é um lugar em que agente toma consciência da nossa vida cristã, como vai..., porque nós estamos aqui, dia por dia, preparando a nossa eternidade, que ela pode ser feliz ou infeliz, dependendo de como nós vivemos aqui.

Eu vejo no cemitério, jamais um ponto de turismo, eu aprecio sim, aqueles túmulos bonitos de famílias que podem oferecer para seus mortos uma sepultura assim, bem

bonita, eu admiro muito, jamais eu acho que cemitério deve ser ponto de turismo, tem tantos lugares para ser ponto de turismo, né?

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Cemitério Central Pe. Rodolfo Kumoreck de São José dos Campos.

**Entrevista (01):** Carlos Henrique – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Janete Arbolato dos Santos

**Idade:** 50 anos

**01 - Com qual frequência você visita o cemitério?**

02 - Que eu venho mesmo, todo ano é nos feriados, eu sempre venho. E agora quando eu venho pra cá, se eu passo em frente, eu chego, porque eu sou assim, porque o que ta, o corpo, a carne, o espírito não ta aqui ele já foi para o céu há muito tempo, tanto é que eu vou contar uma coisa para você, quando me pai faleceu, ele faleceu no hospital e a alma dele passou, me acordou e eu senti os passos do meu pai no meu quarto. Então ele não ta aqui. Eu rezo por ele, em casa, a noite, rezo pelas almas mas não venho com frequência no cemitério não, é difícil. Agora, no feriado, todo ano eu venho.

**01 - Qual o motivo real da sua visita?**

02 - É meu pai, tem o meu filho, ta lá em Santana, mas eu não sei porque, quando eu venho aqui eu já rezo por ele e pela minha vó também, mas é aquele negócio, eu não venho com frequência não, rezo pelas almas todos os dias, mas não venho sempre não.

**01 - Você já parou para observar as esculturas e os símbolos nos túmulos?**

02 - Olha, então, tem esculturas que chama bem atenção né, principalmente as japonesas, eu acho muito bonita as esculturas japonesas quando eu passo em frente paro para observar, acho muito bonita, depende da escultura chama a atenção, mas eu não sei nem explicar pra você qual é que eu acho mais bonita, é depende da escultura eu não sei definir pra você.

**01 - Você conhece o significado desses símbolos tumulares?**

02 - Eu não sei o significado não, deve ter um significado para a pessoa que fez... mas eu não sei definir não. Conhecer até seria interessante, né? É interessante.

**01 - O que o cemitério representa pra você?**

02 - Ai não sei explicar para você viu... se não tivesse o cemitério o que agente ia fazê com o corpo né... mas é um lugar triste né... é estranho né...

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Se aparecer uma oportunidade de até que eu vou mas não que eu tenha vontade.

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Flávia Braga – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Caroline Aparecida da Silva

**Idade:** 21 anos

**01 - Você costuma freqüentar o Cemitério Municipal de São José dos Campos?**

02 - Não

**01 - Por quê?**

02 - Infelizmente não tenho parente ali...

**01 - Qual a sua visão sobre o cemitério?**

02 - (risos) não sei o que dizer... eu não gosto muito de ir, só para fazer visita e quando alguém morre, que tem que enterrar, faz visita, mas fora isso, não.

**01 - Você já observou os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 - Já, anjos, cruzes, ah sei lá.

**01 - Sabe os significados de alguns dos símbolos?**

02 - Não muito...

**01 - Tem algum interesse em conhecer?**

02 - Sim, gostaria muito. Deve ser legal saber isso. Cada objeto significa alguma coisa?  
Não é só enfeite?

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 – Não, nem gosto de cemitério..(risos)

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Flávia Braga – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Marcos Vinicius de Souza Jr.

**Idade:** 31 anos

**01 - Você costuma freqüentar o Cemitério Municipal de São José dos Campos?**

02 - Muito pouco

**01 - Por quê?**

02 - Não tenho muito tempo, estou sempre correndo...

**01 - Tem algum parente sepultado ali?**

02 - Não, nenhum

**01 - Qual a sua visão sobre o cemitério?**

02 - Na minha opinião o cemitério é um lugar que transmite uma tristeza no ar... não gosto não...

**01 - Você já observou os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 - Sim alguns, como anjo, cruz, esculturas, não entendo muito desse assunto...

**01 - Sabe o significado de algum dos símbolos?**

02 - Não, não sei não.

**01 - Teria algum interesse em conhecer o significado?**

02 - Teria sim, é um assunto bem interessante e curioso, nunca ouvir falar disso.

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Com certeza, se tivesse um tempo, iria sim...



**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Flávia Braga – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Maria Aparecida de Souza

**Idade:** 46 anos

**01 - Você costuma frequentar o Cemitério Municipal de São José dos Campos?**

02 - Às vezes dou uma passadinha lá...

**01 - Quantas vezes por ano?**

02 - Ah, não sei certinho, mas vou umas duas vezes por mês, acho, ou mais... quando passo por aqui sempre dou uma entradinha

**01 - Tem parentes ali sepultados?**

02 - Não, não tenho.

**01 - Qual a sua visão sobre o cemitério?**

02 - O cemitério daqui é muito antigo, tem coisas muito bonitas ali dentro, mesmo assim sinto muito que é um lugar meio sombrio... escuro.. velho sabe... parece que a morte ta lá ...

**01 - Você já observou os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 - Já

**01 - Cite alguns**

02 - Tem muitos anjos e imagens de santos que acho lindas, tem também um túmulo bem diferente com uma hélice, a pessoa que está enterrada ali deve ter sido um piloto de avião, ou algum assim

**01 - Sabe o significado de algum dos símbolos?**

02 - Não sei muito não

**01 - Teria algum interesse em conhecer o significado deles?**

02 - Sim, gostaria muito de saber o significado dos símbolos. Daí agente até começa a olhar diferente né...

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Acho que sim

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Carlos Henrique – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Maria Aparecida

Idade: 47 anos

**01 - Você costuma frequentar o Cemitério Municipal de São José dos Campos?**

02 - Costumo, pelo menos uma vez por mês

**01 - Por quê?**

02 - Eu gosto sempre de visitar a família agente sente saudade é uma maneira que agente tem de se sentir mais próxima dela.

**01 - Você tem parentes ali sepultados?**

02 -Tenho

**01 - Qual a sua visão sobre o cemitério?**

02 - Eu não penso numa coisa assim triste, quando eu vou ao cemitério eu procuro imaginar que a pessoa está depositada da mesma maneira conforme eu deixei, não que ela se deteriorou se acabou, procuro pensar assim. Eu acho que é um lugar em que agente vai ficar ali para sempre é isso que eu procuro pensar para não ficar tão triste.

**01 - Você já observou os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 - Sim, tem santos, japoneses mas que eu presto mais atenção são nas imagens... eu gosto muito de uns que tem anjos e de símbolos japoneses.

**01 - Sabe os significados de alguns dos símbolos?**

02 - Eu não conheço, eu sou católica, então o que eu conheço são os símbolos religiosos né, outros tipos de símbolo eu não conheço.

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Visitaria, eu gosto de andar dentro do cemitério eu acho diferentemente né, a criatividade de cada família. Eu gostaria de fazer algo diferente com minha família.

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Carlos Henrique – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Arthur Romero de Souza

**Idade:** 25 anos

**01 - Você costuma frequentar o Cemitério Municipal de São José dos Campos?**

02 - Não costumo

**01 - Por quê?**

02 – Não gosto.

**01 - Você tem parentes ali sepultados?**

02 - Sepultados, não conheço.

**01 - Qual a sua visão sobre o cemitério?**

02 - Não sei o significado, eu creio que é mais assim da pessoa que quer deixa o túmulo bonito mas significado eu não tenho interesse não.

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 – Acho que não... não gosto de cemitérios... são muito carregados...

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Carlos Henrique – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Vitorino

**Idade:** 59 anos

**01 - Você costuma freqüentar o Cemitério Municipal de São José dos Campos?**

02 - Trabalho a 6 anos em frente o cemitério, trabalho nesse pedaço aqui.

**01 - Por quê?**

02 - Ah quase todo dia eu entro aí dentro, de vez em quando eu vou lá mas só por entrar mesmo eu gosto de olhar os túmulos e mais nada.

**01 - Você tem parentes ali sepultados?**

02 - Devo ter mas não sei direito...

**01 – Você observa os símbolos que são colocados nos túmulos?**

02- Eu até olho às vezes viu...

**01- E consegue entender o significado deles?**

02-Bom.. aí complica né... são muitos... anjo, cruz né... tem vários...

**01- E se alguém resolvesse explicar o que cada símbolo significa, você teria curiosidade de conhecer estes significados?**

02 - Ah...aí eu acho que ia ser mais legal né, porque agente ia entender melhor... ia observar mais né...

**01 - Qual a sua visão sobre o cemitério?**

02 - É a última casa nossa, é a última casa....mas é bem triste né...

**01 - Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 - Não, não sei

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Ana Paula de Souza César

**Idade:**33 anos

**01 - Você costuma freqüentar o cemitério Municipal de São Jose dos Campos?**

02 - Sim,vou ao cemitério uma vez por mês.

**01 – e qual o motivo desta visita?**

02 – Tenho parentes enterrados no cemitério... vou com minha mãe

**01 – Qual sua visão sobre o cemitério, o que ele representa para você?**

02 – Como assim? Não sei...

**01 – Que significado o cemitério tem para você o; que ele transmite?**

02 – ah sim... um lugar de paz né... é tranqüilo mas ao mesmo tempo é um lugar bem triste né... quando agente vem aqui lembra de quem já morreu... na verdade a morte mora aqui né.

**01 – Você já parou para observar os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 – Sim

**01 – Cite alguns**

02 – Ah tem anjos, alguns monumentos japoneses.... tem uma hélice .... santos Católicos... eu gosto muito de ver as datas que as pessoas faleceram, os túmulos de pessoas importantes.

**01 – Você sabe os significados destes símbolos?**

02 – Alguns, os santos sei alguns por exemplo... alguns japoneses colocam arroz

**01 – Você tem interesse em saber os significados dos outros símbolos?**

02 – ah... tenho sim

**01 – Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 – Sim... tenho muito interesse em conhecer

**01 – Muito Obrigada, um bom dia...**

02 – de nada igualmente....

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Simone Menezes

**Idade:** 22 anos

**01 - Você costuma frequentar o cemitério Municipal de São Jose dos Campos?**

02 – Não, eu não moro aqui sou de Alagoas

**01 – mas costuma ir ao cemitério?**

02 – Não, não gosto muito deste tipo de lugar...

**01 – Que significado o cemitério tem para você?**

02 – é o fim da vida né... acaba ali... é muito triste...sobrio...sei lá..

**01 – Você já parou para observar que existem diferentes símbolos nos túmulos?**

02 – É..., tem os dos mais ricos né... são todos enfeitados bonitos... tem uma diferença com os dos pobres...

**01 – É verdade, dizem que tudo acaba igual mas parece que não né (risos)...**

02 – é pior....

**01 – Cite alguns símbolos que vc conhece....**

02 – Ah a cruz, onde Jesus morreu..... tem os Santos..... esses acho que só

**01 – Você sabe os significados destes símbolos?**

02 – Não, nunca parei para pensar nisso... só vejo só, mas nunca tentei entender.

**01 – Você tem interesse em saber os significados dos outros símbolos?**

02 – Tenho..... acho que até seria muito legal saber o que cada símbolo significa. Tipo assim... deve ser até muito interessante... eu não sei o que aquele monte de coisas significam... nunca parei pra pensar nisso...

**01 – Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 – Acho que não...não sei. Talvez se eu entendesse melhor até iria.

**01 – Muito Obrigada, um bom dia...**

02 – de nada

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Euclides de Saik Nagaki

**Idade:** 50 anos

**01 - Você costuma freqüentar o cemitério Municipal de São Jose dos Campos?**

02 – Não, eu costumo ir no cemitério do Horto eu acho legal porque tem muitas árvores... nesse aqui da cidade eu acho que nunca entrei.

**01 – Qual freqüência vc costuma ir ao cemitério?**

02 – Ah, não tem uma freqüência às vezes vou lá visitar o tumulo da família mas não gosto de ir no cemitério

**01 – Que significado o cemitério tem para você?**

02 – a última morada, eu acho meio triste... por isso prefiro o Horto porque é um jardim....

**01 – Você já parou para observar os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 – não

**01 – Você tem interesse em saber os significados dos outros símbolos?**

02 – não

**01 – Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 – nao

**01 – Muito Obrigada....**

02 – de nada

**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Lúbia Andrade de Melo

**Idade:** 19 anos

**01 - Você costuma freqüentar o cemitério Municipal de São Jose dos Campos?**

02 – Não, credo! (risos)

**01 – Tem parentes sepultados?**

02 – tem parentes da minha mãe. Ela até vai no dia de finados... eu vou às vezes mas só pra acompanhar ela (risos)

**01 – Que significado o cemitério tem para você?**

02 – ah é triste ...assim... ali mas também é um lugar de muita paz

**01 – Você já parou para observar os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 – Sim, várias vezes vi túmulos que me chamam muito a atenção

**01 – Cite os símbolos que vc conhece.... que te chamam a atenção**

02 – Os anjos, cruzes, alguns símbolos católicos....

**01 – Você sabe os significados destes símbolos?**

02 – Não

**01 – Você tem interesse em saber os significados dos outros símbolos?**

02 – Olha... até que tenho viu... cada coisa significa uma coisa? Nunca pensei nisso...interessante...

**01- Sim, cada objeto, cada símbolo representa algo...**

02- Que legal...

**01 – Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 – Visitaria só se tivesse alguém importante enterrado... fora isso não

**01 – Muito Obrigada, um bom dia...**

02 – de nada



**Entrevista aplicada** em 09/ 08/ 2005

**Local:** Centro de São José dos Campos. (ruas próximo ao cemitério)

**Entrevista (01):** Vivian Francisco – aluna 4º anista – UNIVAP

**Entrevistado (02):** Paulo Roberto Ribeiro Silva

**Idade:** 47 anos

**01 - Você costuma frequentar o cemitério Municipal de São Jose dos Campos?**

02 – Vou no cemitério só quando falece algum parente ou conhecido vir assim so por visitar é meio difícil...

**01 – tem parentes ali sepultado**

02 – sim tenho.... amigos tbm

**01 – Que significado o cemitério tem para você?**

02 – é um descanso após a morte, um lugar pra gente enterrar as pessoas... sinceramente não gosto muito não...

**01 – Você já parou para observar os diferentes símbolos existentes nos túmulos?**

02 – já, cada família decora o tumulo de acordo com a crença de cada família ne

**01 – Cite alguns símbolos que vc conhece....**

02 – hum eu não sei bem.... o que mais se vê são as cruzes, santos.... os anjos também né...

**01 – Você sabe os significados destes símbolos?**

02 – Não

**01 – Você tem interesse em saber os significados dos outros símbolos?**

02 – Não

**01 – Você visitaria os cemitérios que são pontos turísticos em cidades ou países?**

02 – não

**01 – Muito Obrigada, um bom dia para o senhor...**

02 – de nada

## **Projeto**

## **PROJETO**

### **1 – TÍTULO**

#### **A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE TUMULAR**

### **2 – TEMA**

A desmistificação do Cemitério como território da morte pelo processo de Comunicação Simbólica da Arte Tumular.

### **3 – PROBLEMA**

O cemitério é visto simplesmente como o espaço da “morte”, um lugar triste, sombrio, cheio de mistérios e negativo. As pessoas não conseguem perceber o cemitério como parte da relação humana desde que se passou a concentrar em espaços urbanos e a preocupar-se com os mortos, prestando-lhes tributos, precisou de um local para enterrá-los.

Em seu interior guardam não somente os mortos, mas uma riquíssima construção tumular com objetos altamente simbólicos e uma arquitetura belíssima que revela o poder aquisitivo e a importância do seu ocupante para a sociedade. Os cemitérios desde os primórdios das cidades são partes intrínsecas de sua paisagem, contribuindo na composição do cenário urbano na maioria das cidades do Ocidente. Logo, por meio da Comunicação Simbólica Tumular, poderemos apreender uma nova forma de representação deste espaço.

### **4 - OBJETIVOS**

Tomando como orientação os princípios da comunicação visual e da semiótica da cultura, desmistificar os cemitérios criando uma nova visão que inverte o paradigma convencional associado ao significante “cemitério”, aos significados “sombrio”, “místico”, “mistério”, “medo” e “terror”.

Mostrar que os objetos tumulares (vasos, anjos, santos etc) juntamente com a construção arquitetônica representam simbolicamente a relação de aproximação entre vivos e mortos.

“Quebrar” a rigidez e o peso que se associa aos cemitérios pela construção de um vídeo institucional como resultado ilustrativo das pesquisas, estudos teóricos e aplicação de conhecimentos adquiridos durante o curso.

## 5- JUSTIFICATIVA

A idéia de pesquisar sobre cemitérios e arte tumular surgiu, primeiramente, da indagação e questionamento do grupo a respeito da morte, cemitérios, objetos tumulares e arquitetura que compõem esse espaço sacrossanto, carregado de mistérios, misticismo e que é a principal forma ocidental de relação intrínseca dos vivos diretamente com seus mortos. Acreditando ser uma indagação não somente do grupo, mas que ultrapassa a dimensão do espaço acadêmico, o grupo decidiu realizar essa pesquisa.

A idéia também foi alimentada por uma discussão/diálogo com o professor Jason de Brito, responsável pela disciplina INIC - Projeto de Iniciação Científica ministrada em 2002, no Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação e Artes - FCA da Universidade do Vale do Paraíba – Univap. Nesse período o grupo deu início à elaboração de um pré-projeto abordando o tema acima citado e que seria apresentado futuramente no encontro de Iniciação Científica, mas que por questões burocráticas não pôde ser viabilizado, gerando um sentimento de frustração.

A idéia, no entanto, não foi abandonada, e ao elaborarmos um pré-projeto para a disciplina Projeto VII - Impressões de São José - ministrada neste ano de 2005, foi retomada e, com o desenvolver do projeto, veio à sugestão de um aprofundamento maior sobre o tema, transformando-o em projeto de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

O homem tem uma relação estreita com a morte, uma vez que possui consciência deste fato inerente às suas forças. Mesmo com toda evolução humana em que o homem controla os sonhos, o sono, transfere a circulação do corpo para uma máquina, comunica-se com o mundo inteiro em frações de segundos, ainda assim não consegue vencê-la. Segundo Aranha & Martins (1995, p.347, apud JASPERS), “*existe algo em nós que não se pode crer suscetível de destruição*”. Esta não aceitação pelo “*fim*” é o que nos bloqueia e fortalece a idéia do “*temor ao desconhecido*”. Por isso, o temor e a angústia da morte levam a humanidade à crença da imortalidade, promovendo

uma aceitação do sobrenatural, do divino, imortal, que é justamente o que encontramos dentro dos cemitérios, nos símbolos e objetos tumulares.

## 6 – REVISÕES LITERÁRIAS

Muitas são as áreas de estudo em comunicação social. De acordo com o tema em estudo “*A Comunicação através da Arte Tumular*”, foram pesquisadas bibliografias a respeito da **Morte** e seus rituais, da origem dos cemitérios e, sobretudo, da semiótica. Um livro importante nos estudos da morte e sua complexidade “*O Homem e a Morte*”, de Edgar Morin, criador da Teoria da Complexidade, revela a complexidade humana perante o grande desafio de enfrentar questões que o atormentam.

*“A Complexidade é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso fenomenal. Mas então a complexidade da confusão, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr em ordem nos fenômenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambigüidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar” (MORIN, 2001, p.20).*

Neste universo racional humano, pode-se afirmar que a morte é a única certeza da vida, no entanto, é temida pela maioria dos homens que, se pudessem, adiariam-na convictos.

*“O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática” (MORIN, 2001, p.33).*

Enfim, este é um livro referente à reflexão sobre a vida e a morte, mas outro livro relevante ao trabalho, em se tratando de semiótica, “*O que é Semiótica*” de Lúcia Santaella, aborda todo o conceito do que vem a ser semiótica, do qual define como “*ciência que tem por objetivo de investigação todas as linguagens possíveis*” (1983, p.15).

Outra obra de suma importância neste trabalho é o livro “*Imagem – Cognição, Semiótica, Mídia*” de Lúcia Santaella e Noth Winfried, revela a imagem como representação visual e mental, é interessante, pois norteia a análise das imagens, dando uma estrutura sólida para a interpretação dos símbolos tumulares, que são o objeto de estudo em questão.

Ao abordar um tema tão peculiar quanto “*a Morte*”, não se pode ignorar uma obra de filosofia como a “*Introdução à Filosofia*” de Maria Lucia Aranha e Maria H. P. Martins, que aborda questionamentos e reflexões a respeito de diversos assuntos, inclusive a **Morte** sob vários aspectos. Por meio desta obra há uma tentativa de desalienação, desprendimento do sistema que se deu através dos progressos técnicos atingidos pela nossa civilização: “*A consciência da morte nos ajuda a questionar não só se somos capazes de viver bem, mas também se faz sentido o destino que estamos legando para as gerações futuras*” (ARANHA & MARTINS, 2000, p.350).

## 7 – HIPÓTESES

Alguns questionamentos que serão abordados ao longo do trabalho e confirmarão ou não as nossas indagações:

**7.1** - As pessoas idosas freqüentam mais os cemitérios do que as mais jovens, pois têm menos preconceito com relação a este espaço, sabem que estão mais próximas da morte e tentam se habituar à idéia;

**7.2** - Os freqüentadores dos cemitérios são, na sua maioria, pessoas que perderam entes importantes na sua vida;

**7.3** - O Cemitério Municipal de São José dos Campos não é percebido pela população, em geral, sob o prisma artístico;

**7.4** - A maioria das pessoas não tem conhecimento sobre os significados dos símbolos tumulares;

**7.5**- Os cemitérios falam de religião, divergências sociais, política, poesia, pintura e escultura.

## **8- METODOLOGIA**

Visando obter um maior conhecimento sobre o assunto a ser abordado neste trabalho, destacando como objeto de estudo o cemitério municipal de São José dos Campos Padre Rodolfo Komoreck, serão realizadas as seguintes pesquisas:

### **- Pesquisa Exploratória:**

Primeiramente será aplicada a Pesquisa Exploratória, já que o objetivo é a aproximação do tema e assunto e por meio da Pesquisa Bibliográfica e Documental, haverá uma exploração e aprofundamento em publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, internet e outros meios disponíveis.


### **- Pesquisa em Qualitativa**

Num segundo momento, será aplicada a pesquisa em profundidade, método qualitativo. Não serão utilizados dados estatísticos nem cálculos amostrais. Serão selecionadas amostras por conveniência, 10 pessoas que estejam freqüentando o cemitério municipal de São José dos Campos e 10 que estejam caminhando pelo centro da mesma cidade a fim de definir, através de um roteiro prévio, os objetivos propostos pela pesquisa. As entrevistas serão gravadas individualmente e somente depois de transcritas serão comparadas e analisadas. O método de amostras por conveniência pode ser facilmente justificado em um estágio exploratório da pesquisa, como base para geração de hipóteses e para estudos conclusivos, considerando aceitos os riscos da imprecisão dos resultados do estudo. Este método será empregado, pois se deseja obter informações de maneira rápida e barata.

## 9 – CRONOGRAMA

Meses	1 Quinzena	2 Quinzena
Jan.		
Fev	Escolha do tema	Levantamento bibliográfico
Mar	Levantamento	Fichamentos
Abr	Projeto	Elaboração de projetos
Mai	Projeto	Elaboração de projetos
Jun	Desenvolvimento de dois capítulos	Pré-banca
Jul	Desenvolvimento de capítulos	Pesquisa
Ago	Desenvolvimento de capítulos	Desenvolvimento
Set	Desenvolvimento Capítulos	Pesquisa Qualitativa
Out	Desenvolvimento Capítulos	Revisão Orientador
Nov	Revisão / entrega	Desenvolvimento Apresentação
Dez	Banca Final	

Legenda

 Em andamento

 Concluído